

# CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXV | 371 | Julho 2026



## Expedição Safra

Levantamento em Goiás revela desafios da safrinha  
e estratégias para reduzir riscos na produção

### Crédito Rural

Faeg analisa avanços e limitações  
dos Planos Safra 2026/2027 para  
agricultura empresarial e familiar



**FAEG  
SENAR  
IFAG  
SINDICATO RURAL**

### Olhar do Alto

Drones transformam o manejo das  
lavouras e ajudam produtores  
a tomar decisões mais precisas

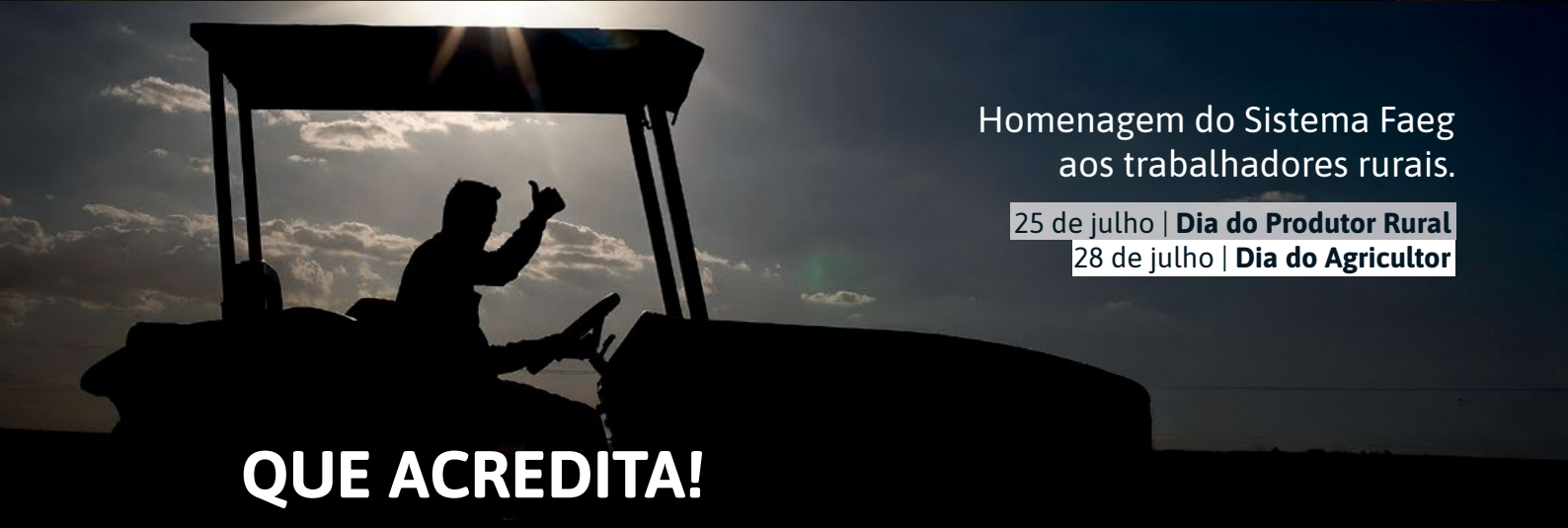


FAEG  
SENAR  
IFAG  
SINDICATO RURAL

**O CAMPO PRODUZ**



**PORQUE TEM GENTE**



Homenagem do Sistema Faeg  
aos trabalhadores rurais.

25 de julho | **Dia do Produtor Rural**  
28 de julho | **Dia do Agricultor**

**QUE ACREDITA!**



## Palavra do Presidente

### Desafios e oportunidades

O agronegócio é construído diariamente pela capacidade do produtor rural de enfrentar desafios, buscar soluções e transformar conhecimento em resultados. Em um cenário marcado por mudanças climáticas, oscilações de mercado e avanços tecnológicos, planejamento e informação se tornam cada vez mais essenciais para garantir a competitividade e a sustentabilidade da produção.

A segunda etapa da Expedição Safra Goiás, realizada pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag, Sindicatos Rurais e parceiros, reforça a importância de acompanhar de perto a realidade do campo. O levantamento mostrou os impactos da irregularidade climática sobre a segunda safra, com redução na produtividade do milho, mas também revelou a capacidade de adaptação dos produtores, que têm buscado alternativas como o sorgo e o girassol para reduzir riscos e manter a atividade produtiva.

Nesse contexto, o acesso ao crédito rural assume papel estratégico. Os Planos Safra 2026/2027 representam importantes instrumentos de apoio ao setor, mas ainda trazem desafios relacionados ao custo dos financiamentos e à necessidade de garantir que os recursos cheguem efetivamente aos produtores. Mais do que ampliar os valores disponíveis, é preciso assegurar condições que permitam investimentos em tecnologia, inovação e melhoria da produção.

A inovação, por sua vez, já faz parte da rotina de muitas propriedades. O uso de drones agrícolas mostra como a tecnologia tem contribuído para uma agricultura mais precisa, eficiente e sustentável, permitindo identificar problemas com antecedência, reduzir desperdícios e melhorar a tomada de decisão. Para que esses avanços continuem transformando

o campo, a qualificação profissional se torna indispensável, preparando produtores e trabalhadores para aproveitar todo o potencial dessas ferramentas.

Além das transformações dentro das propriedades, o agro brasileiro também vive um momento de ampliação de oportunidades no mercado internacional. O Acordo Mercosul-União Europeia abre perspectivas importantes para o fortalecimento das exportações e para a inserção do Brasil em uma das principais cadeias de consumo do mundo. Ao mesmo tempo, reforça a necessidade de avançarmos em áreas como rastreabilidade, sustentabilidade, defesa sanitária e inovação para atender às novas exigências globais.

Os temas apresentados nesta edição mostram um setor em constante evolução, que precisa estar preparado para desafios presentes e futuros. O produtor rural goiano tem demonstrado, ao longo dos anos, sua capacidade de adaptação e superação. Cabe a nós, enquanto Sistema Faeg/Senar/Ifag, continuar trabalhando para oferecer conhecimento, capacitação e representação, fortalecendo aqueles que fazem do campo uma das principais forças econômicas e sociais do nosso Estado e do País.

Boa leitura!



**Eduardo Veras**  
**Presidente em exercício**  
**do Sistema Faeg/Senar Goiás**

## CAMPO

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

**Conselho editorial:** Eduardo Veras, Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Dirceu Borges.

**Diretor Técnico:** Leonnardo Furquim.

**Diretora de Comunicação:** Michelly Mancinelli.

**Edição e revisão:** Fernando Dantas e Renan Rigo.

**Reportagem:** Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Lucas Almeida, Renan Rigo e Revana Oliveira.

**Fotografia:** André Costa.

**Diagramação:** Isabele Barbosa.

**Foto da capa:** André Costa.

**Fotos do Paine Central:** André Costa, divulgação e Wenderson Araujo/CNA.

**Tiragem:** 5.000 exemplares.

**Comercial:** (62) 3096-2124 | (62) 3096-2200.

#### DIRETORIA FAEG

**Presidente em exercício:** Eduardo Veras de Araújo.

**Vice-presidentes:** Enio Jaime Fernandes Júnior.

**Vice-presidentes Institucionais:** Ailton José Vilela e Henrique Marques de Almeida. José Vitor Caixeta Ramos (in memoriam).

**Vice-presidentes Administrativos:** Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva. Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

**Conselho Fiscal:** Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antônio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

**Suplentes:** Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

**Delegados Representantes:** Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

**Suplentes:** Nilson Fogolin e José Fava Neto.

#### CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

**Presidente em exercício:** Eduardo Veras Araújo.

**Superintendente:** Dirceu Borges.

**Titulares:** Daniel Klüppel Carrara, Orlando Luiz da Silva, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

**Suplentes:** Geovandro Vieira Pereira, Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

**Conselho Fiscal:** Wildson Cabral Santos, Marcus Vinicius Rodrigues Souza Lino e Sandra Pereira de Faria.

**Suplentes:** Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

**Conselho Consultivo:** Thomas David Taylor Peixoto, Nivaldo dos Santos, Pedro Leonardo de Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

**Suplentes:** Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

#### Sistema Faeg Senar

Rua 87 nº 708, Setor Sul. CEP: 74.093-300

Goiânia - Goiás

Contato Faeg: (62) 3096-2200 faeg@sistemafaeg.com.br

Contato Senar: (62) 3412-2700 senar@senar-go.com.br | comunicacao@senar-go.com.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Acesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg



sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

**Assistente Virtual**

62 3096 2200

## Painel Central



### Crédito Rural

Faeg avalia os avanços e os desafios dos Planos Safra para a agricultura empresarial e familiar, ressaltando que garantir o acesso efetivo aos recursos será o principal obstáculo para o próximo ciclo

24



### Drones

Equipamentos inteligentes transformam decisões no campo e abrem novas possibilidades para a produção

27



### Caso de Sucesso

Empreendedora rural transforma criatividade na cozinha em negócio com produtos artesanais e apoio do Senar Goiás

16



### Prosa Rural

Diretora de Relações Internacionais da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Sueme Mori

12

06 Porteira Aberta

08 Sistema em Ação

10 Ação Sindical

11 Opinião

30 Faeg Jovem

33 Mitos e Verdades

34 Info Senar

37 Receitas do Campo

38 Dica de Vó



### Senar Responde

Técnico de campo do Senar Goiás tira dúvida sobre os motivos para mamões apodrecerem antes de amadurecer

32

# Capa



**A** Expedição Safra Goiás percorreu 47 municípios para avaliar os desafios da segunda safra no Estado. Levantamento apontou queda de 28,9% na produção de milho devido ao clima e ao atraso no plantio. Produtores buscaram alternativas como sorgo e girassol para reduzir riscos e manter a rentabilidade. Equipes técnicas analisaram lavouras, custos e estratégias para o próximo ciclo agrícola. Analistas avaliam que o diagnóstico reforça a importância do planejamento, do manejo adequado e da adaptação no campo.

18

## Renegociação



Daniel Dan/Pexels

O governo federal publicou, no dia 15 de julho, em edição extra do Diário Oficial da União, a Medida Provisória nº 1.376/2026, que autoriza a criação de novas linhas de crédito para renegociação de dívidas rurais e de Cédulas de Produto Rural (CPRs). A medida também autoriza a participação da União em um fundo garantidor voltado à cobertura de operações de crédito rural contratadas por produtores atingidos por eventos climáticos adversos. Poderão ser contemplados produtores e cooperativas que tenham registrado perdas em pelo menos duas sa-

fras, com redução mínima de 30% da renda bruta agropecuária esperada, desde que comprovadas por laudo técnico emitido por profissional habilitado. As perdas podem ter sido causadas por eventos climáticos extremos, como seca, estiagem, geada, granizo, enchentes e vendavais, ou ainda pela queda nos preços de comercialização dos produtos financiados. A MP prevê a renegociação de operações de custeio, comercialização, industrialização e investimento contratadas até 31 de dezembro de 2025, observados os critérios definidos no texto. Também poderão ser enquadradas operações já renegociadas ou prorrogadas, desde que atendam às condições estabelecidas. Os limites de crédito variam conforme o porte do produtor. Agricultores familiares enquadrados no Pronaf poderão contratar até R\$ 400 mil, com juros de 6% ao ano. Para produtores do Pronamp, o limite será de até R\$ 2 milhões, com taxa de 9% ao ano. Os demais produtores poderão contratar até R\$ 4 milhões, com juros de 12% ao ano. O prazo de pagamento será de até oito anos, com dois anos de carência para amortização do principal.

Saiba mais  
detalhes



## Plano Safra



Alejandro Barrón/Pexels

O Governo Federal lançou o Plano Safra 2026/2027 voltado à Agricultura Familiar com previsão de R\$ 97,3 bilhões em recursos e R\$ 85,2 bilhões destinados ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Dentro desse total, serão R\$ 40 bilhões para operações de custeio e comercialização e R\$ 45,2 bilhões para investimentos. Entre as medidas anunciadas também está a manutenção de condições diferenciadas de financiamento, com taxas de juros

variando de 0,5% a 7,5% ao ano para parte das linhas de custeio agropecuário. No entanto, atividades como soja e pecuária de corte permanecem com condições menos favorecidas dentro do programa, chegando a taxas superiores às defendidas pelo setor produtivo. Outra novidade do plano do Pronaf Mais alimentos em relação a ampliação do limite para financiamento a construção ou reforma de moradias em imóveis rurais pertencentes às beneficiárias do programa. Para famílias com renda anual de até R\$ 150 mil, o limite de financiamento passa a ser de até R\$ 100 mil (5% a.a). Já para famílias com renda de até R\$ 500 mil, o teto será ampliado para até R\$ 150 mil (7,5% a.a). Além disso, o governo anunciou como meta ampliar os recursos destinados ao Programa de Aquisição e Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), com previsão de alcançar R\$ 3,65 bilhões em 2026, fortalecendo a compra institucional de alimentos produzidos pela agricultura familiar e ampliando o estímulo à produção no campo.

Veja a análise  
do Ifag sobre  
o Plano



# Avicultura

O Senar Goiás lançou o novo curso “Alternativas Alimentares na Avicultura Caipira”, para oferecer opções de ingredientes alternativos que podem contribuir significativamente para melhorar a rentabilidade da atividade. O curso foi desenvolvido para capacitar produtores e criadores na elaboração de dietas mais econômicas, aproveitando recursos disponíveis nas propriedades rurais e nas diferentes regiões do estado. Com carga horária de 6 horas e prazo de uma semana para conclusão, a capacitação aborda técnicas para o aproveitamento de matérias-primas alternativas na composição de rações destinadas a frangos e galinhas caipiras. O conteúdo considera as necessidades nutricionais das aves e os cuidados necessários para manter o desempenho zootécnico e a qualidade da produção. Durante as aulas, os participantes poderão aprender a reconhecer diferentes ingredientes, avaliar seu potencial nutritivo e aplicá-los de forma adequada no balanceamento alimentar. A qua-

lificação também destaca práticas que favorecem a sustentabilidade, a redução de despesas e o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis na propriedade.



## Concurso



O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) abriu inscrições para a 7ª edição do Concurso de Vídeos Educativos. Os interessados poderão se inscrever até o dia 31 de agosto. O concurso tem como objetivo incentivar, reconhecer e divulgar boas práticas educativas desenvolvidas no meio rural. O concurso é destinado aos instrutores da Formação Profissional Rural (FPR) e da Promoção So-

cial (PS), além das equipes de campo da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), compostas por supervisores e técnicos de campo, e do Programa Saúde no Campo, formadas por supervisores e técnicos de saúde rural. Nesta edição, o concurso contará com duas categorias. A categoria Tradicional contemplará vídeos produzidos sem o uso de Inteligência Artificial (IA), enquanto a categoria Especial será voltada a produções cujo conteúdo visual e audiovisual tenha sido integralmente gerado por IA. Os vencedores receberão um kit de equipamentos e acessórios para produção de conteúdos educativos, além de um troféu em reconhecimento ao trabalho desenvolvido.

cial (PS), além das equipes de campo da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), compostas por supervisores e técnicos de campo, e do Programa Saúde no Campo, formadas por supervisores e técnicos de saúde rural. Nesta edição, o concurso contará com duas categorias. A categoria Tradicional contemplará vídeos produzidos sem o uso de Inteligência Artificial (IA), enquanto a categoria Especial será voltada a produções cujo conteúdo visual e audiovisual tenha sido integralmente gerado por IA. Os vencedores receberão um kit de equipamentos e acessórios para produção de conteúdos educativos, além de um troféu em reconhecimento ao trabalho desenvolvido.

## Inteligência Artificial

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) lançou no dia 16 de julho a trilha de aprendizagem “IA aplicada ao agro”, composta por cinco cursos gratuitos. Os conteúdos podem ser acessados pelo Senar Play. O objetivo é fortalecer a adoção de ferramentas de IA no meio rural, promovendo maior autonomia tecnológica dos produtores, incentivando a inovação e ampliando a capacidade de adoção de soluções que gerem ganhos de eficiência, sustentabilidade e competitividade para o agronegócio brasileiro. Estruturada em níveis progressivos, a trilha permitirá que o participante desenvolva competências desde os conceitos fundamentais da IA até aplicações mais avançadas, como o uso de ferramentas de IA, análise de dados, automação, apoio à gestão da propriedade, elaboração de planos de negócio, interpretação de informações técnicas e uso de tecnologias voltadas à agricultura e pecuária de precisão. O conteúdo está dividido em cinco cursos: Introdução à IA no Agro; Da-

dos e Sensores no Campo; Ferramentas Digitais e Plataformas de IA para o Agro; Inteligência Artificial na Gestão da Produção; e Projetos Práticos de IA no Agro.



Acesse a trilha



# Irrigação

O Sistema Faeg/Senar/Ifag participou, no dia 16 de julho, da abertura oficial da 1ª Expolrrigação, maior feira de irrigação do estado, realizada em Cristalina, na região do Entorno do Distrito Federal. O evento integra as comemorações dos 109 anos do município, celebrado em 18 de julho, e consolida a cidade como "capital da irrigação", reforçando seu protagonismo na produção agrícola de alto rendimento. A 1ª Expolrrigação reuniu estandes de empresas do setor, instituições financeiras, cooperativas e órgãos técnicos, além de uma programação com palestras sobre manejo sustentável da água, energia renovável e uso de tecnologia para otimizar a produção irrigada. Com 67.487 hectares irrigados, Cristalina lidera a produção irrigada em Goiás. A tecnologia impulsiona culturas como alho, batata, cebola e café, além de grãos. A cidade, que detém um dos maiores PIBs agropecuários do país, conta com mais de

630 pivôs instalados, sendo considerada o maior polo de irrigação da América Latina. A projeção é que, até 2040, o município alcance 104.456 hectares irrigados, consolidando ainda mais sua liderança no segmento.



Prefeitura de Cristalina

## Para registro



Governo de Goiás



Prefeitura de Cristalina



Sistema Faeg/Senar

“A irrigação é um diferencial para mantermos a produtividade, mesmo em períodos de estiagem, garantindo segurança alimentar, geração de empregos e sustentabilidade. Goiás é referência nacional, e Cristalina é símbolo desse avanço, com tecnologia e inovação que inspiram o país.”

**Daniel Vilela,**  
governador de Goiás

“Cristalina é exemplo de que é possível unir tecnologia, produtividade e sustentabilidade. Este evento reforça nossa posição como polo de inovação agrícola e impulsiona a economia local.”

**Dr. Luís Otávio,**  
prefeito de Cristalina

“Este evento reúne importantes lideranças e autoridades para reforçar a importância da irrigação como ferramenta para ampliar a produtividade, impulsionar o desenvolvimento do agro goiano e fortalecer a segurança alimentar.”

**Eduardo Veras,**  
presidente em exercício do Sistema  
Faeg/Senar

## Plano Safra

O Sistema Faeg/Senar/Ifag participou, no dia 15 de julho, do lançamento do Plano Safra 2026/2027 do Banco do Brasil, em Goiânia. O Plano Safra é o principal programa de crédito rural do Governo Federal, reunindo linhas de financiamento com condições específicas para custeio da produção, investimentos nas propriedades, comercialização e fortalecimento da atividade agropecuária. Os recursos disponibilizados são essenciais para apoiar os produtores rurais em todas as etapas da safra. O encontro reuniu representantes do setor agropecuário, instituições financeiras e lideranças para apresentar as linhas de crédito e as condições que estarão disponíveis aos produtores rurais no ciclo 2026/2027.



Sistema Faeg/Senar

# Algodão

Sistema Faeg/Senar



O presidente em exercício do Sistema Faeg/Senar/Ifag, Eduardo Veras, participou, no dia 10 de julho, do 23º Dia do Algodão da Agopa, em Montividiu (GO), um dos principais encontros técnicos da cadeia produtiva do algodão em Goiás. O evento reuniu produtores, pesquisadores, especialistas e lideranças do agro para discutir inovação, tecnologia, sustentabilidade e as perspectivas para o futuro da cotonicultura, reforçando a importância da integração entre as instituições e o setor produtivo para o desenvolvimento do campo. O Sistema Faeg segue presente nos principais debates que impulsionam o agro goiano, contribuindo para o fortalecimento das cadeias produtivas e da competitividade da produção rural.

# Internacional

A integração entre Goiás e Portugal abriu espaço para novas oportunidades de negócios no agro. O Sistema Faeg/Senar/Ifag recebeu, no dia 6 de julho, representantes da Câmara de Comércio Brasil-Portugal para um encontro voltado ao fortalecimento das relações comerciais entre os dois países. Durante a reunião, foram apresentadas as potencialidades de Goiás para investidores portugueses e, em contrapartida, as oportunidades para ampliar a presença dos produtos do agro goiano no mercado português.



Sistema Faeg/Senar

# Carbono

Sistema Faeg/Senar



No dia 3 de julho, o Sistema Faeg/Senar/Ifag participou de reunião com a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (Secti), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg) e IF Goiano para conhecer o projeto Goiás Verde, iniciativa que pretende mensurar o sequestro de carbono nos sistemas de produção agropecuária do Estado. A proposta fortalece a integração entre ciência, inovação e agropecuária, ampliando oportunidades para os produtores rurais e reforçando Goiás como referência em produção sustentável e de baixo carbono.

# Exposição

O Sistema Faeg/Senar/Ifag esteve presente na abertura de uma das maiores exposições agropecuárias de Goiás: a 66ª Expo Rio Verde, realizada no dia 2 de julho. Representando a instituição, o presidente em exercício do Sistema, Eduardo Veras, participou da solenidade de abertura do evento, que reúne programação voltada ao agronegócio, rodeio, exposições, julgamento de gado Nelore, parque de diversões e grandes shows. A abertura contou com rodeio profissional, além das tradicionais provas de Três Tambores e Laço em Dupla. A Expo Rio Verde também apresentou shows sertanejos, palestras e eventos técnicos que contaram com o apoio do Sistema Faeg/Senar, fortalecendo o agronegócio e impulsionando o desenvolvimento da região sudoeste de Goiás.



Sistema Faeg/Senar

## Britânia e Aruanã Curso de Proteção de Nascentes



Wagner Marchesi – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Britânia e Aruanã, em parceria com o Senar Goiás, a Prefeitura de Aruanã e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, realizou o Curso de Proteção de Nascentes, voltado à preservação dos recursos hídricos no meio rural. A capacitação abordou técnicas para recuperação e conservação de nascentes, além de práticas de manejo sustentável que contribuem para a segurança hídrica e a produção agropecuária. A iniciativa integra as ações desenvolvidas pelo Sindicato Rural de Britânia e Aruanã em 2025, ano em que a entidade promoveu 79 cursos e capacitou mais de 850 pessoas para atuar no agronegócio goiano.

## Firminópolis Festival Receitas do Campo



Cleilson dos Santos – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Firminópolis, em parceria com o Senar Goiás, realizou, no dia 19 de julho, o Festival de Receitas do Campo. O evento reuniu mais de 200 pessoas e contou com 34 receitas inscritas, celebrando os sabores, as tradições e a riqueza da culinária rural. A iniciativa valorizou a cultura local, os ingredientes típicos do Cerrado e o talento de produtores e cozinheiros da região, incentivando a preservação das receitas tradicionais e o fortalecimento da identidade gastronômica do campo. Durante a programação, foram premiados os destaques das categorias Almoço ou Jantar, Sobremesa Rural e Lanche da Fazenda.

## Paranaiguara Curso de Jardinagem



Marcos Capanema – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Paranaiguara, em parceria com o Senar Goiás, realizou entre os dias 22 e 24 de junho, o Curso de Jardinagem, no Colégio Bartolomeu Bueno da Silva. A capacitação teve como objetivo ensinar técnicas de implantação, manutenção e conservação de jardins, contribuindo para a qualificação profissional dos participantes e para a valorização dos espaços verdes. Durante o curso, os alunos aprenderam sobre preparo do solo, escolha de espécies ornamentais, plantio, adubação, irrigação, poda e manejo adequado das plantas. Também foram abordadas práticas de paisagismo e manutenção, que podem ser aplicadas tanto em residências quanto em propriedades rurais, instituições e áreas públicas.

## Morrinhos Curso de Bovinocultura - Vacinação



Arthur Chiari – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Morrinhos, em parceria com o Senar Goiás, realizou o Curso de Bovinocultura – Vacinação, capacitação voltada ao aperfeiçoamento das técnicas de manejo sanitário do rebanho bovino. A formação combinou aulas teóricas e práticas, proporcionando aos participantes conhecimentos essenciais para a correta aplicação de vacinas e a adoção de boas práticas de manejo. Durante o curso, os alunos aprenderam sobre os procedimentos adequados de vacinação, contenção dos animais, conservação e aplicação de imunizantes, além de cuidados que contribuem para a prevenção de doenças, o bem-estar animal e o aumento da produtividade nas propriedades rurais. As atividades práticas foram realizadas na Fazenda Cordeiro, propriedade do produtor rural Marcos Cláudio, que cedeu o espaço para o treinamento.

# Quando a assistência técnica vira qualidade de vida



**Dirceu Borges**  
é superintendente  
do Senar Goiás

A Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás tem promovido uma transformação que vai muito além da produção rural. Em centenas de municípios goianos, os impactos da assistência técnica já podem ser percebidos diretamente na qualidade de vida das famílias do campo.

Uma ampla avaliação realizada nas 11 cadeias produtivas revelou que os efeitos da ATeG alcançam dimensões econômicas, sociais e humanas. Entre os produtores atendidos, 58,38% relataram melhora efetiva na situação financeira familiar, percentual 2,05 vezes maior que entre produtores não atendidos.

Essa evolução financeira reflete diretamente dentro das propriedades e das casas das famílias rurais. Os dados demonstram que 44,34% das famílias assistidas realizaram reformas, ampliações ou melhorias habitacionais nos últimos anos. Já a aquisição de bens e equipamentos ocorreu em 42,34% das propriedades atendidas, índice 2,13 vezes maior que o observado entre produtores não assistidos. Entram nessa transformação a compra de veículos, eletrodomésticos, implementos, reformas estruturais e melhorias no conforto familiar. Na agroindústria artesanal, os impactos sociais aparecem de forma ainda mais evidente. Muitas pequenas produtoras passaram a agregar valor aos produtos, ampliar mercados e aumentar significativamente a renda familiar. Em diversas propriedades, a assistência técnica possibilitou não apenas crescimento econômico, mas também independência financeira e fortalecimento da autoestima.

Na bovinocultura de leite, relatos mostram produtores que saíram de estruturas

extremamente limitadas para propriedades organizadas, com implantação de piquetes, melhorias em barracões, encanamento de água e aquisição de novas áreas produtivas. Já na apicultura, produtores relatam aumento expressivo da produção, recuperação da atividade e até melhorias emocionais associadas ao resgate da motivação e da qualidade de vida no campo.

Os efeitos da ATeG também aparecem no acesso ao conhecimento e à profissionalização. Entre os produtores assistidos, 57,18% afirmam ter ampliado significativamente seus conhecimentos em gestão e produção, resultado 2,44 vezes superior ao grupo não atendido. A adoção de novas tecnologias e práticas produtivas também apresentou forte diferença: produtores atendidos adotam inovação em taxa 2,8 vezes maior.

Outro impacto relevante está na segurança para tomada de decisão e enfrentamento de crises. Cerca de 56% dos produtores atendidos afirmam sentir-se preparados para reagir a imprevistos climáticos, sanitários ou econômicos, percentual quase duas vezes superior ao observado entre produtores sem assistência técnica. Além da renda, a ATeG fortalece o capital humano no meio rural. A participação em cursos, treinamentos, associações e atividades coletivas amplia o acesso à informação, melhora a gestão da propriedade e contribui para um ambiente rural mais profissional, sustentável e humano.

Mais do que aumentar produtividade, a ATeG tem ajudado milhares de famílias goianas a viverem melhor no campo, com mais dignidade, estrutura, conhecimento e qualidade de vida.



## Mercosul-União Europeia: acordo que pode redesenhar o futuro do agro brasileiro

**Sueme Mori**

é diretora de Relações Internacionais da Confederação  
da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)



**Alexandra Lacerda** | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

**H**á momentos que mudam o rumo da história. Para o agronegócio brasileiro, a conclusão do Acordo Mercosul-União Europeia é um deles. Resultado de mais de 20 anos de negociações diplomáticas, o tratado representa o maior passo já dado pelo Brasil em direção à abertura comercial e à ampliação de sua presença nos mercados internacionais.

Mais do que reduzir tarifas, o acordo simboliza uma mudança de posicionamento do país no comércio global. Ao estabelecer condições mais competitivas para o acesso ao mercado europeu, um dos mais exigentes e estratégicos

do mundo, o Brasil fortalece sua capacidade de competir em igualdade de condições com grandes exportadores internacionais e amplia as oportunidades para produtos que já conquistaram reconhecimento pela qualidade, produtividade e sustentabilidade. Os benefícios são expressivos. Mais de 90% do comércio entre os dois blocos deverá contar com redução ou eliminação gradual de tarifas, favorecendo cadeias importantes para o agronegócio brasileiro, como frutas, café, derivados de soja, carnes, produtos florestais e diversos outros segmentos. Ao mesmo tempo, o tratado abre espaço para

maior integração tecnológica, incremento de investimentos, cooperação entre empresas e fortalecimento das cadeias produtivas ligadas ao campo.

Mas a nova realidade também exige preparação. A União Europeia mantém um dos mais rigorosos sistemas regulatórios do mundo em temas como sustentabilidade, rastreabilidade, segurança alimentar e exigências ambientais. Para transformar as oportunidades em resultados concretos, será fundamental que o Brasil continue investindo em infraestrutura, logística, armazenagem, inovação, defesa sanitária e segurança jurídica, reduzindo



Wenderson Araujo/CNA

custos internos e ampliando sua competitividade. Ao longo de toda a negociação, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) desempenhou papel estratégico na defesa dos interesses do setor produtivo. A entidade trabalhou para ampliar o acesso dos produtos brasileiros ao mercado europeu, proteger cadeias consideradas sensíveis para a economia nacional e garantir mecanismos capazes de preservar o equilíbrio do acordo diante da adoção de futuras medidas unilaterais por parte da União Europeia. Para a diretora de Relações Internacionais da CNA, Sueme Mori, o tratado representa

um marco histórico para o comércio exterior brasileiro e um divisor de águas para o agronegócio nacional. Em sua avaliação, o acordo não apenas amplia mercados, mas fortalece a imagem do Brasil como parceiro confiável, competitivo e indispensável para a segurança alimentar mundial. Nesta entrevista exclusiva, Sueme Mori detalha os impactos do acordo para o agronegócio, explica como a CNA atuou ao longo das negociações, analisa os desafios que ainda precisam ser superados e apresenta sua visão sobre o papel do Brasil na construção da segurança alimentar global nas próximas décadas

## **1** Após mais de duas décadas de negociações, qual é a importância da entrada em vigor do Acordo Mercosul-União Europeia para o agronegócio brasileiro?

Em termos de importância, a União Europeia é o segundo principal destino das exportações do agronegócio brasileiro e o principal mercado para alguns de nossos produtos, como frutas, derivados de soja e café. Além disso, este é o primeiro grande acordo de livre comércio firmado pelo Brasil. Embora seja um acordo do Mercosul, para o Brasil ele representa um marco no processo de abertura comercial e de inserção do país nos mercados internacionais. O principal ganho em um acordo dessa natureza é a redução de tarifas e a melhoria das condições de acesso dos produtos agropecuários ao mercado europeu. Com isso, passamos a ter maior competitividade naquele mercado, pois competimos com países que já possuem acordos de livre comércio e, por isso, contam com preferência tarifária. Agora, o Brasil também passa a usufruir dessas condições, competindo em igualdade de condições.

## **2** A CNA acompanhou as negociações desde o início. Qual foi o papel da entidade na defesa dos interesses do setor agropecuário brasileiro ao longo desse processo?

O papel da CNA nas negociações foi atuar em três frentes. A primeira foi garantir a melhoria do acesso dos produtos brasileiros ao mercado europeu, considerando que a União Europeia possui uma característica fortemente protecionista em relação ao seu setor agropecuário. Trabalhamos para assegurar melhores condições de acesso, permitindo que os produtos nos quais o Brasil é altamente competitivo tivessem uma condição preferencial de entrada naquele mercado. A segunda frente foi garantir que as cadeias produtivas mais sensíveis também recebessem tratamento diferenciado, evitando uma liberalização completa. É o caso, por exemplo, dos lácteos. A União Europeia não poderá exportar produtos lácteos para o Brasil de forma totalmente liberalizada; esse comércio ocorrerá por meio de cotas. A terceira frente, que considero uma das mais importan-

tes e que pouco aparece no debate público, foi a garantia de mecanismos de defesa contra possíveis medidas unilaterais da União Europeia. O setor agropecuário, por meio da CNA, solicitou a inclusão de um mecanismo denominado mecanismo de reequilíbrio de concessões, que prevê, basicamente, que, caso um dos lados adote medidas unilaterais capazes de comprometer o equilíbrio alcançado ao final das negociações, as partes retornem à mesa para renegociar. Considerando todo o histórico da relação com a União Europeia e a constante criação de regulamentos, esse mecanismo é fundamental para garantir que o que foi negociado em termos de abertura comercial e melhoria do acesso bilateral seja efetivamente cumprido.

### **3 Entre os diversos segmentos do agronegócio brasileiro, quais cadeias produtivas tendem a ser mais beneficiadas com a ampliação do acesso ao mercado europeu?**

Com relação às cadeias beneficiadas, trata-se de um acordo muito amplo em termos de redução tarifária. Mais de 90% do comércio entre os dois blocos, tanto do que exportamos quanto do que importamos, terá redução de tarifas. Nesse sentido, o benefício é bastante abrangente. Os produtos que têm a União Europeia como principal mercado ou que enfrentam tarifas muito elevadas serão, sem dúvida, os mais beneficiados. Gosto sempre de citar o exemplo das frutas. A União Europeia é o principal mercado para diversas frutas brasileiras, e a grande maioria delas terá tarifa zerada, algumas imediatamente e outras ao longo de um período de transição. Isso proporciona uma condição muito melhor de competitividade para as frutas brasileiras naquele mercado.

### **4 A União Europeia possui exigências rigorosas relacionadas à sustentabilidade, rastreabilidade e segurança alimentar. Quais desafios os produtores brasileiros precisarão enfrentar para atender a essas demandas?**

As exigências ambientais e regulatórias podem limitar os benefícios do acordo? Podem. Foi justamente por isso que o setor solicitou a in-

clusão do mecanismo de reequilíbrio de concessões, para evitar que as preferências tarifárias e os benefícios conquistados não se concretizem, na prática, para o Brasil. A União Europeia possui um arcabouço regulatório que muda constantemente, e precisamos estar atentos a essas mudanças. Além disso, há diferenças significativas entre os sistemas de produção. A agricultura brasileira é de clima tropical, enquanto a europeia é de clima temperado. Muitas vezes, a União Europeia exige que nossos produtores cumpram exatamente as mesmas regras aplicadas aos produtores europeus, o que nem sempre faz sentido. No Brasil, por exemplo, realizamos duas ou até três safras por ano e não enfrentamos inverno rigoroso ou neve, fatores que ajudam a controlar naturalmente algumas pragas na Europa. Portanto, precisamos acompanhar essas exigências regulatórias, considerando as diferenças entre os modelos de produção.

### **5 De que forma o acordo pode contribuir para ampliar a inserção internacional dos produtos agropecuários brasileiros e reduzir a dependência de mercados tradicionais? Pequenos e médios produtores também poderão se beneficiar das oportunidades criadas pelo acordo?**

O Brasil tem um desafio importante a enfrentar, e esse acordo contribui justamente nesse sentido: a diversificação de produtos e de mercados. Exportamos muito (foram quase US\$ 170 bilhões no ano passado) e vendemos para praticamente o mundo inteiro. No entanto, ainda concentramos nossas exportações em poucos produtos e poucos destinos. Esse acordo, assim como outros que estão em negociação no âmbito do Mercosul, ajuda a acelerar a agenda de abertura comercial. É importante destacar que o Brasil participa de outras negociações relevantes, entre elas as com o Canadá e os Emirados Árabes Unidos, que têm expectativa de serem concluídas ainda este ano. Esse movimento fortalece a estratégia de abertura comercial por meio de grandes acordos internacionais. Sem dúvida, pequenos e

médios produtores também serão beneficiados. Eles costumam enfrentar mais dificuldades para manter investimentos por longos períodos sem retorno. Com tarifas preferenciais e redução de custos de acesso ao mercado europeu, seus produtos tornam-se mais competitivos. É importante lembrar que o processo de exportação dificilmente acontece de forma imediata. Chamamos isso de processo de conversão de uma empresa ou produtor não exportador em exportador, que normalmente leva entre dois e três anos. Existem exceções, mas, em regra, trata-se de um processo que exige investimento e planejamento. E quem mais sente esse impacto é justamente o pequeno e o médio produtor. Com condições mais favoráveis proporcionadas pelos acordos comerciais, esse acesso ao mercado internacional tende a ser potencializado.

### **6 Além dos ganhos comerciais, o acordo pode gerar avanços em áreas como inovação, transferência de tecnologia e investimentos para o setor agropecuário brasileiro?**

Falamos muito dos ganhos comerciais, mas este é um acordo amplo. Ele contempla capítulos específicos sobre investimentos e cooperação. Costumamos associar o agronegócio apenas à produção e à exportação de alimentos, mas o agro brasileiro está profundamente inserido nas cadeias internacionais de produção. O setor depende da compra de insumos, máquinas e equipamentos, e toda essa indústria que envolve a atividade agropecuária também está contemplada no acordo. Com isso, teremos a possibilidade de adquirir esses insumos e ampliar a integração com fabricantes e empresas exportadoras europeias em condições mais vantajosas, também beneficiadas por tarifas preferenciais.

Mesmo o produtor que acredita não participar do comércio internacional, por não exportar diretamente, faz parte dessa cadeia. Seja ao adquirir insumos e maquinários importados, seja ao vender sua produção em um mercado sujeito à concorrência internacional, ele está inserido em uma dinâmica global. Por isso, os benefícios do Acordo Merco-

“

**Costumamos  
associar o  
agronegócio  
apenas à  
produção e à  
exportação  
de alimentos,  
mas o agro  
brasileiro está  
profundamente  
inserido  
nas cadeias  
internacionais  
de produção**

”

sul-União Europeia alcançam toda a cadeia produtiva do agronegócio.

**7 Quais são os principais desafios que o Brasil ainda precisa superar internamente em infraestrutura, logística, sanidade ou ambiente regulatório para aproveitar plenamente as oportunidades do acordo?**

Temos muitos desafios internos. Ao mesmo tempo, o Brasil ainda possui um enorme potencial de crescimento. O país ainda não atingiu seu limite de produtividade, de adoção de tecnologia nem de expansão real do volume de produção. Por isso, embora tenhamos muitos desafios, também temos um amplo espaço para crescer. Precisamos, sem dúvida, avançar em questões como infraestrutura, logística, armazenagem, defesa sanitária e ambiente regulatório, para aumentar nossa competitividade. A abertura comercial promovida por um acordo como este melhora nossa competitividade do ponto de vista externo. No entanto, internamente também precisamos fazer a nossa parte, reduzindo os custos de produção e de exportação. Quanto mais conseguirmos superar esses gargalos, melhores serão as condições para o crescimento do setor e mais competitivos chegarão os produtos brasileiros ao mercado internacional.

**8 Na avaliação da CNA, quais são as perspectivas para o agronegócio brasileiro nos próximos anos com a implementação do Acordo Mercosul-União Europeia e qual mensagem a senhora deixa aos produtores rurais sobre esse novo momento?**

As perspectivas para o agronegócio brasileiro são muito positivas, não apenas por causa do acordo, mas por toda essa agenda de abertura comercial e pela trajetória que o Brasil vem construindo de ampliação da capacidade de produzir alimentos com qualidade, competitividade e diversidade. Hoje, o Brasil é visto internacionalmente como o único país capaz de atender à crescente demanda mundial por alimentos. Vivemos em um país onde praticamente não se fala em desabastecimento, mas diversas regiões do mundo dependem fortemente da

importação de alimentos. Os dois principais fatores que impulsionam o aumento dessa demanda são o crescimento populacional e o aumento da renda, especialmente em regiões da Ásia, do Oriente Médio e de partes da África. Nesse cenário, o Brasil reúne condições para desempenhar um papel cada vez mais relevante. O Acordo Mercosul-União Europeia é o primeiro grande acordo comercial firmado pelo Mercosul e abre caminho para diversas outras negociações que poderão ampliar ainda mais a inserção internacional do agronegócio brasileiro.

**9 A CNA considera o Acordo Mercosul-União Europeia um marco histórico para o agro brasileiro. Na prática, como esse acordo pode fortalecer a imagem do Brasil como fornecedor global de alimentos e abrir caminho para novas negociações comerciais em outras regiões do mundo?**

A mensagem aos produtores rurais é que o agronegócio brasileiro é visto internacionalmente como um exemplo de setor e de país que superou dificuldades estruturais e passou da condição de importador para a de maior exportador líquido de alimentos do mundo. Existe, sim, muita crítica internacional ao nosso setor, mas ela também decorre da elevada competitividade do Brasil. Muitos países criticam os produtos brasileiros justamente porque o Brasil conquistou espaço nos mercados internacionais, tanto nos próprios mercados desses países quanto em terceiros mercados onde concorriamos diretamente. Essa conquista de mercado explica, em grande parte, a desinformação e as campanhas de críticas que o agronegócio brasileiro enfrenta no exterior. Paradoxalmente, essas críticas também refletem o reconhecimento da força e da competitividade alcançadas pelo setor nos últimos anos. Em 2000, o Brasil exportava cerca de US\$ 20 bilhões em produtos agropecuários. No ano passado, esse valor chegou a quase US\$ 170 bilhões. Nenhum outro país apresentou um crescimento dessa magnitude, e o Brasil ainda possui amplo espaço para continuar crescendo.

# Transformando sabores em oportunidade

Dos testes na cozinha à agroindústria, Patrícia Galvão transforma criatividade em negócio com combinações autorais de geleias e antepastos, com o apoio do Senar Goiás

Revana Oliveira | revana@sistemafeaeg.com.br



Produtos do casal, com ingredientes do Cerrado, mostram como a inovação pode transformar sabores tradicionais em produtos de alto valor agregado

**H**á quem enxergue dificuldades. Patrícia Galvão preferiu enxergar possibilidades. Depois de uma década atuando como agente de viagens, ela precisou mudar completamente a rotina. O nascimento do filho, com necessidades especiais, fez com que a família reorganizasse a vida. Trabalhar fora já não era mais uma opção. Foi então que a paixão pela cozinha abriu as portas para um novo futuro.

A mudança para uma chácara em Hidrolândia, na Região Metropolitana de Goiânia, marcou o início dessa transformação. O que começou como receitas preparadas para amigos logo despertou o interesse de quem as experimentava. Incentivada pelos elogios, Patrícia decidiu transformar o talento em negócio.

Hoje, ela produz geleias, antepastos e conservas artesanais que fogem do convencional. Em vez de seguir receitas tradicionais, aposta em combinações autorais e sofisticadas, capazes de surpreender o paladar e valorizar ingredientes do Cerrado. No portfólio estão a geleia de jabuticaba com bacon, que se tornou a marca registrada da produtora; a geleia de morango com manjerição, vinagre balsâmico e especiarias; além de uma versão com cream cheese.

Também fazem sucesso o patê de abacaxi com bacon, as caponatas de abobrinha e de berinjela, o tomate confit, o jiló sem amargor e a guariroba confitada, que leva curry, pimenta-síria, pimenta dedo-de-moça, salsinha, cebolinha e manjerição, combinação que resulta em um antepasto de sabor marcante e sofisticado. Cada receita nasce de inúmeros testes, pesquisas e releituras, transformando ingredientes simples em produtos de alto valor agregado.

"Sempre gostei muito de cozinhar. Comecei a testar algumas receitas, levava para os amigos nos churrascos e nas reuniões. Eles diziam 'por que você não vende?'. Quando mudamos para a chácara, pensei, agora vou unir o útil ao agradável. Desde então, busco inovar, experimentar novos sabores e criar produtos diferentes", conta Patrícia.

Para transformar criatividade em um negócio sustentável, ela buscou conhecimento. Foi nos cursos e na assistência técnica gratuita do Senar Goiás que encontrou o suporte necessário para aperfeiçoar a produção.

Já fez várias qualificações, como os cursos de charcutaria e processamento de pimentas, entre outros que trouxeram inspiração para suas criações autênticas. Agora,

André Costa



*Feiras promovidas pelo Senar Goiás fortalecem a comercialização, ampliam a visibilidade dos produtores rurais e aproximam o público de produtos artesanais que valorizam a gastronomia goiana*

André Costa

Patrícia recebe assistência técnica em agroindústria diretamente na propriedade, etapa decisiva para ampliar a produção e estruturar o empreendimento. “Os cursos despertaram em mim a vontade de crescer. Agora estou recebendo assistência em agroindústria dentro da minha propriedade. O céu é o limite. Quero continuar me especializando e levar meus produtos cada vez mais longe”, afirma.

Além da capacitação, as feiras se tornaram uma importante vitrine para divulgar os produtos, como as promovidas pelo Senar Goiás para apresentar ao público o que é produzido pelos produtores assistidos.

O termômetro para medir a aceitação dos sabores foi o Goiás Gastronomia 2026, o maior festival de culinária e turismo do estado. Lá, ela apresentou ao público sua geleia de jabuticaba com bacon, um dos produtos mais elogiados da marca.

A ideia surgiu da busca constante por novas experiências gastronômicas. “A gente procurou unir o doce da jabuticaba com o defumado do bacon. Fui testando as receitas até encontrar esse equilíbrio. O resultado foi um sucesso. Todos os dias eu produzia, levava para a feira e tudo acabava”, lembra.

Patrícia acredita que cozinhar é um processo de experimentação. “Eu pego os alimentos, faço uma releitura e vou testando. Cozinhar é uma arte de alquimia. Vou misturando sabores, ouvindo as pessoas e aperfeiçoando até chegar ao resultado que agrada”, explica.

O sonho agora é crescer sem perder a essência artesanal. Com o apoio técnico e gratuito do Senar Goiás, Patrícia prepara a estrutura da agroindústria na propriedade rural, etapa que permitirá ampliar a produção, agregar valor aos produtos e alcançar novos mercados. “Quero diversificar minha produção

e, no futuro, levar esses produtos para outros estados e até para fora do Brasil. Temos ingredientes e sabores incríveis que merecem ser conhecidos pelo mundo”, afirma.

Ela destaca que a assistência gratuita oferecida pelo Senar Goiás tem sido fundamental nessa caminhada. “O apoio do Senar Goiás é imprescindível. Por meio dos cursos e da assistência, pequenos produtores conseguem sair da propriedade e mostrar ao mundo o potencial que existe no campo. São oportunidades que transformam vidas”, diz.

Ao lado de Patrícia está o marido, Davi Dias Solarevski. Ele ajuda nas feiras, presta apoio logístico e incentiva a esposa em cada etapa do crescimento do negócio. “É motivo de orgulho acompanhar essa evolução. Ver a motivação dela, o sucesso dos produtos é perceber que todo esse trabalho está dando resultado é muito gratificante. São sabores diferentes, releituras de produtos tradicionais de Goiás que encantam quem experimenta”, afirma.

O casal faz questão de valorizar ingredientes ligados à identidade regional. “A geleia de jabuticaba com bacon também é uma homenagem à nossa cidade. É uma satisfação poder apoiar esse sonho e ver a empresa crescendo. Tenho certeza de que esses produtos ainda vão conquistar Goiás, o Brasil e o mundo”, completa Davi.

Para receber a assistência gratuita ou participar dos cursos presenciais nas diversas áreas do meio rural, procure um sindicato rural. Aponte o celular para o QR Code e assista à reportagem.

Assista à reportagem



André Costa

# Um retrato da segunda safra em Goiás

Evento realizado pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag, Sindicatos Rurais e parceiros aponta queda de 28,9% na produção de milho e destaca o avanço do sorgo e do girassol como alternativas de menor risco para plantios tardios

Revana Oliveira | revana@sistemmafaeg.com.br

**E**nquanto a colheita ainda não havia começado, o produtor rural Cláudio Prado, em Jataí, já fazia as contas do que a lavoura deveria entregar. O cenário era melhor do que o de muitos vizinhos, mas ainda distante do potencial esperado. “Acredito que talvez fique até um pouquinho acima da média da região porque consegui plantar dentro da janela, basicamente durante fevereiro. O milho respondeu bem, mas agora é esperar a colheita para ver o resultado”.

Mesmo com uma condição relativamente favorável, ele explica que o excesso de chuvas em março e a interrupção das precipitações a partir de abril reduziram o potencial produtivo. “No modo geral, vai

haver uma perda grande, principalmente nas áreas plantadas já em março. A chuva parou cedo e esse milho sentiu muito. A produtividade média da região será menor”, avalia.

A percepção do produtor resume exatamente o que a equipe da segunda etapa da Expedição Safra Goiás encontrou ao longo de uma semana de trabalho pelo estado. “Na penúltima semana de junho, percorremos mais de 2,4 mil quilômetros. As equipes técnicas do Sistema Faeg/Senar/Ifag acompanharam de perto lavouras de milho, sorgo e girassol. Encontramos produtores que conseguiram plantar dentro da janela ideal e outros que precisaram mudar a estratégia.

Realizamos coletas em 19 municípios, mas percorremos mais de 47 cidades goianas, abrangendo cerca de 77% da segunda safra do estado”, explica o vice-presidente administrativo da Faeg e presidente do Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag), Armando Rollemberg Neto.

As equipes passaram por Acreúna, Bom Jesus de Goiás, Caiapônia, Catalão, Cristalina, Indiara, Ipameri, Jataí, Luziânia, Mineiros, Montividiu, Palmeiras de Goiás, Paraúna, Piracanjuba, Pires do Rio, Pontalina, Rio Verde, Santa Helena de Goiás e Silvânia. Ao final de cada dia, produtores participaram de encontros técnicos promovidos nos sindicatos rurais dos municípios visi-



André Costa



Vice-presidente administrativo da Faeg e presidente do Ifag, Armando Rollemberg Neto ressalta que a 2ª etapa da Expedição Safra Goiás percorreu 47 municípios para acompanhar de perto o desempenho das lavouras de milho, sorgo e girassol

esperamos entre 90 e 100 sacas. O período sem chuva afetou diretamente o enchimento dos grãos”, afirma. Segundo o produtor, aproximadamente 40% das áreas da região foram plantadas fora da janela ideal, situação que deve resultar em quebra generalizada de produtividade. “Com certeza, a produtividade será menor do que nos outros anos”, resume.

Se alguns produtores conseguiram amenizar os impactos graças ao manejo do solo, outros precisaram mudar completamente o planejamento da propriedade. Foi o caso do produtor Wender Borges, de Bom Jesus de Goiás. Acostumado a destinar praticamente toda a propriedade ao milho safrinha, ele precisou diversificar a produção após o atraso no plantio.

“Há cerca de dez anos, eu plantava praticamente 100% da área com milho. Este ano, por causa da janela, algumas áreas receberam sorgo e milheto. Eu prefiro o milho, principalmente pela palhada, mas o clima não permitiu”, conta.

Além das dificuldades climáticas, ele destaca que o aumento dos custos reduziu os investimentos na lavoura. “Hoje, o preço do milho praticamente empata com o custo de produção. Os fertilizantes aumentaram muito e tivemos que reduzir a tecnologia utilizada porque a conta simplesmente não fecha”, afirma.

tados, quando foram apresentados os primeiros resultados observados em campo e discutidas estratégias para enfrentar os desafios da safra.

No sudoeste goiano, o produtor Júlio César Priori mostrou que o investimento constante na construção da fertilidade do solo ajudou a reduzir parte das perdas provocadas pelo clima. Embora o milho tenha sido plantado apenas em março, fora da janela considerada

ideal, a lavoura apresentou desenvolvimento acima do esperado. “A gente vem trabalhando há anos na construção do solo, com calcário, gesso e uma boa adubação de base. Acho que esse trabalho ajudou a mitigar um pouco os efeitos deste ano”, explica.

Mesmo assim, ele reconhece que a produtividade ficará abaixo da registrada no ciclo anterior. “No ano passado, colhemos quase 130 sacas por hectare. Para esta safra,



Em alguns locais, apesar de o milho ter sido plantado fora da janela considerada ideal, lavouras tiveram desenvolvimento acima do esperado

Mesmo diante das dificuldades, Wender já começa a planejar a próxima safra. “Já garanti as sementes da soja, mas ainda estou aguardando uma redução no preço dos fertilizantes para fechar as compras”, diz.

As observações feitas nas propriedades confirmaram o que os números mostraram. Além das condições climáticas, o cenário internacional também pressionou os custos de produção. “Tivemos um aumento de aproximadamente 25% no MAP e de cerca de 50% nos fertilizantes nitrogenados entre janeiro e maio, pressionando ainda mais os custos do produtor”, destaca o presidente do Ifag.

O levantamento conclui, ainda, que o plantio da segunda safra ocorreu com atraso de até duas semanas em relação ao ciclo anterior. Como apontado, na época, pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), 43% das lavouras de milho foram implantadas fora da janela ideal, considerada até 20 de fevereiro. A área cultivada com milho na segunda safra foi estimada em 1,75 milhão de hectares, redução de 3,85% em relação ao ciclo anterior.

A produtividade média levantada pela expedição foi de 86,4 sacas por hectare, retração de 26,1%. Já a produção deve alcançar 9,03 milhões de toneladas, representando uma queda de 28,9% em comparação com a safra passada. Vale lembrar que esses números podem ser revisados com o avanço da colheita, uma vez que a menor quantidade de chuva impacta diretamente o peso dos grãos.

Segundo o analista de mercado do Ifag, Vilmar Eurípedes da Silva Júnior, os números refletem exatamente o cenário observado nas propriedades. “A campo, analisamos o número de espigas, a quantidade de grãos e o peso das espigas. Com base nas medições e na metodologia de amostragem, es-

timamos a produtividade das lavouras”, explica. Ele ressalta que a irregularidade das chuvas provocou grandes diferenças entre propriedades vizinhas. “Em alguns casos, choveu em uma fazenda e não na outra ao lado. Até produtores que plantaram na mesma data tiveram resultados completamente diferentes”, afirma.

#### **Migração**

A necessidade de reduzir riscos fez muitos produtores mudarem o planejamento da segunda safra. Segundo Vilmar, essa tendência ficou evidente durante toda a Expedição. “Muitos produtores que tradicionalmente fariam toda a área com milho precisaram diversificar. Migraram parte da área para o sorgo e, posteriormente, para o girassol”, explica.

A área cultivada com sorgo chegou a 631,1 mil hectares, aumento de 60% em relação ao ciclo anterior, conforme aponta a Conab, com produção estimada em 2,01 milhões de toneladas. “O sorgo vem ganhando espaço por causa das exportações, do mercado interno, da produção de etanol e da nutrição animal”, destaca.

No girassol, Goiás continua se destacando como o maior produtor, graças ao cultivo fomentado pela indústria local, em sua maior parte destinado à extração de óleo, e que se mostra como alternativa de melhor rentabilidade em cultivos de fim de janela.

“Mas, embora a área cultivada tenha aumentado, o plantio, com cerca de 50% fora da janela ideal e o corte das chuvas, reduziu a produtividade média, que caiu de 26 para algo entre 20 e 22 sacas por hectare”, informa Vilmar.

#### **Próxima safra**

O assessor técnico da Faeg, Lucas Lopes, reforça que a proposta da Expedição é construir um diagnóstico fiel da realidade do campo e orientar os produtores para o próximo ciclo. Para isso, planejam-

to e condições climáticas precisam caminhar juntos.

“O primeiro passo é respeitar o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC), evitando a antecipação da semeadura motivada por chuvas isoladas. O plantio deve ser realizado somente quando houver umidade adequada no solo e previsão de continuidade das precipitações, reduzindo o risco de falhas na germinação e no estabelecimento inicial das lavouras.”

Além disso, é fundamental utilizar cultivares adaptadas às condições da região. “É importante optar por sementes com maior tolerância ao déficit hídrico, além de investir continuamente no melhoramento genético das variedades. A manutenção do sistema de plantio direto sobre a palha aumenta a infiltração e a retenção de água no solo, reduz a evaporação e contribui para conservar a umidade. Da mesma forma, a adoção de plantas de cobertura eleva os teores de matéria orgânica, melhora a estrutura física do solo e amplia sua capacidade de armazenamento de água”, orienta.

Para o gerente do Cimehgo, André Amorim, o El Niño já está oficialmente estabelecido, conforme a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA), mas ainda não é possível confirmar a intensidade máxima que o fenômeno alcançará nem traduzir automaticamente seu comportamento global em impactos locais. Apesar das projeções de fortalecimento, ele recomenda cautela diante de classificações alarmistas.

“Não podemos utilizar o termo ‘super El Niño’. Para o Centro-Oeste, o cenário que exige atenção é o de temperaturas mais elevadas e possível atraso na chegada das chuvas durante a safra 2026/2027, o que pode novamente comprometer o calendário de plantio”, explica.

Mais do que produzir estimativas, a Expedição Safra Goiás aproxima

*Durante a Expedição Safra, as equipes percorreram áreas com plantio de girassol*



Assessor técnico da Faeg, Lucas Lopes destaca que o planejamento deve considerar o Zoneamento Agrícola de Risco Climático e o uso de práticas que aumentem a conservação da umidade do solo

André Costa

a ciência da realidade do campo. “Cada lavoura visitada, cada conversa com os produtores e cada medição realizada ajudam a construir um diagnóstico que orienta políticas públicas, o planejamento da produção e as decisões dentro das propriedades. Ao fim da segunda etapa, ficou evidente que a sa-

fra 2025/2026 será lembrada pelos desafios impostos pelo clima, pelo aumento dos custos e pela necessidade de adaptação. Ao mesmo tempo, evidenciou a capacidade do produtor goiano de ajustar estratégias e manter a produção diante de um cenário adverso”, conclui o presidente do Ifag, Armando Rollemberg.



André Costa



André Costa

# Expedição Safra reforça alerta sobre o vazio sanitário da soja

Em vigor desde 27 de junho em Goiás, o vazio sanitário da soja segue até 24 de setembro. Durante esse período, os produtores não podem manter plantas vivas de soja no campo, incluindo aquelas que nascem espontaneamente após a colheita, conhecidas como voluntárias, tigueras ou guaxas. A medida integra o calendário fitossanitário definido pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) e é considerada uma das principais estratégias para reduzir a incidência de pragas e doenças entre uma safra e outra. A semeadura da próxima safra está autorizada entre 25 de setembro de 2026 e 2 de janeiro de 2027.

O principal objetivo do vazio sanitário é interromper o ciclo da ferrugem asiática, doença causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, que depende das plantas vivas para sobreviver entre uma safra e outra. A permanência dessas plantas também favorece a multiplicação de outras pragas, como a mosca-branca, aumentando os riscos para a próxima temporada.

Na prática, os produtores devem vistoriar as propriedades e eliminar qualquer planta de soja remanescente, evitando a chamada “ponte verde”, condição que permite a sobrevivência de fungos e insetos capazes de comprometer o desenvolvimento das futuras lavouras.

O analista de mercado do Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag), Vilmar Júnior, destaca que o cumprimento do vazio sanitário é fundamental para manter a sanidade das lavouras e reduzir os custos de produção. “O vazio sanitário é uma medida indispensável para proteger a



Analista de mercado do Ifag, Vilmar Eurípedes da Silva Júnior, alerta que o vazio sanitário é essencial para preservar a sanidade das lavouras e garantir melhores condições para a próxima safra

próxima safra. Quando o produtor elimina todas as plantas de soja durante esse período, reduz significativamente a sobrevivência da ferrugem asiática e de outras pragas, garantindo melhores condições para o desenvolvimento da cultura.”

As observações feitas durante a segunda etapa da Expedição Safra Goiás, realizada pelo Sistema Faeg/Senar Goiás/Ifag em cerca de 20 municípios, reforçaram esse alerta. Em algumas propriedades, a equipe técnica identificou plantas voluntárias de soja após a colheita, evidenciando a necessidade de maior atenção ao manejo das áreas neste período.

“Durante a Expedição Safra, observamos a presença de plantas de soja remanescentes em algumas lavouras onde a dessecação e a limpeza da área não foram realizadas de forma eficiente. Essas plantas funcionam como hospedeiras de doenças e pragas e podem comprometer o desempenho

da próxima safra. Por isso, a eliminação total dessas plantas é uma responsabilidade de cada produtor e beneficia toda a cadeia produtiva”, afirma Vilmar Júnior.

Além de cumprir o vazio sanitário, os produtores devem realizar o cadastro das lavouras no Sistema de Defesa Agropecuária (Sidago). Conforme a Instrução Normativa nº 6/2024 da Agrodefesa, o registro deve ser feito em até 15 dias após o encerramento da janela de semeadura, com prazo final em 17 de janeiro de 2027.

A ferrugem asiática está entre as doenças mais agressivas da cultura da soja e pode provocar desfolha precoce, reduzir significativamente a produtividade e elevar os custos com aplicações de fungicidas. Em situações de alta infestação e sem manejo adequado, as perdas podem superar 70% da produção, tornando o vazio sanitário uma etapa essencial para garantir uma safra mais saudável e competitiva em Goiás.



## Confira imagens da 2ª etapa da Expedição Safra



André Costa

# Recursos crescem, mas agro aponta desafios para transformar crédito em produção

Faeg analisa avanços e limitações dos planos para a agricultura empresarial e agricultura familiar, além de destacar que o acesso aos recursos continuará sendo o principal desafio da próxima safra

**Alexandra Lacerda** | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

O Governo Federal apresentou os Planos Safra 2026/2027 para a Agricultura Empresarial e para a Agricultura Familiar com a promessa de ampliar o acesso ao crédito e fortalecer a produção agropecuária nacional. Somados, os programas representam o maior volume de recursos já destinado ao financiamento da atividade rural. No entanto, a análise técnica da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) aponta que o crescimento nominal dos recursos não elimina os principais gargalos enfrentados pelos produtores: juros elevados,

redução dos recursos subsidiados, dificuldades de acesso ao crédito e aumento dos custos de produção.

Na agricultura empresarial, o crédito mais caro e a redução dos recursos equalizados foram observados. O gerente técnico da Faeg, Edson Novaes, afirma que, embora o Plano Safra da Agricultura Empresarial tenha ampliado o volume global de recursos, a composição do crédito preocupa o setor. "O valor anunciado é importante, mas a qualidade desses recursos merece atenção. O produtor precisa de crédito acessível para custear a produção e investir em tecnologia. A

redução dos recursos equalizados limita justamente as linhas com juros mais competitivos e amplia a dependência das operações contratadas a taxas livres de mercado".

Na avaliação da entidade, os dois planos refletem um cenário econômico desafiador, marcado por restrições fiscais, taxa Selic elevada, maior custo da equalização dos juros e necessidade de conciliar o apoio ao setor produtivo com o equilíbrio das contas públicas. Segundo Novaes, um dos principais pontos de preocupação é a redução de 14,7% dos recursos equalizados, que passaram de

Wenderson Araújo/CNA



Gerente técnico da Faeg, Edson Novaes afirma que apesar do aumento do volume de recursos do Plano Safra, a redução do crédito equalizado preocupa

André Costa

R\$ 113,8 bilhões para R\$ 97 bilhões. Esses recursos são fundamentais para reduzir o custo financeiro das operações de crédito rural.

Além disso, programas considerados estratégicos sofreram redução de orçamento. "Esses programas financiam armazenagem, mecanização, inovação e sustentabilidade. São investimentos que aumentam a produtividade e tornam as propriedades mais resilientes às mudanças climáticas. A redução dos recursos pode comprometer a modernização do setor", explica o gerente.

Outro ponto destacado diz respeito às taxas de juros, pois, embora algumas linhas tenham registrado redução entre 1 e 1,5 ponto percentual, parte significativa do crédito rural continua sendo contratada com recursos livres, cujas taxas variam entre 15% e 19% ao ano. "Na prática, muitos produtores acabam recorren-

do às linhas de mercado, que possuem custo financeiro muito superior ao das linhas equalizadas. Isso reduz a capacidade de investimento justamente em um momento de margens apertadas e elevado endividamento", informa Edson Novaes.

De acordo com ele, o cenário se torna ainda mais preocupante diante dos desafios da próxima safra, como os efeitos de eventos climáticos extremos, a possibilidade de influência do El Niño, o aumento dos custos de produção, a queda nos preços das commodities e a maior dificuldade de acesso ao crédito.

#### Políticas eficientes

Na avaliação da Faeg, os dois Planos Safra foram elaborados em um contexto de elevada complexidade econômica. A manutenção da taxa Selic em patamar elevado aumentou significativamente os custos da equalização dos juros, enquanto as restrições impostas pelo novo arcabouço fiscal limitaram a expansão dos gastos públicos.

Ao mesmo tempo, conflitos internacionais, volatilidade dos mercados, aumento dos custos de fertilizantes, combustíveis e máquinas, além da ocorrência de eventos climáticos extremos, aumentaram a pressão sobre a rentabilidade do produtor rural, cenário que reforça a necessidade de aperfeiçoar continuamente a política de crédito rural. "O financiamento agropecuário continua sendo um dos principais instrumentos para garantir produção, abastecimento, geração de renda e competitividade. Mais do que ampliar recursos, é fundamental garantir que o crédito chegue ao produtor em condições com-

patíveis com a realidade econômica do campo", enfatiza Edson Novaes.

#### Agricultura familiar

No Plano Safra destinado à agricultura familiar, o Governo Federal anunciou R\$ 97,3 bilhões em recursos, dos quais R\$ 85,2 bilhões serão destinados às operações do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Juros menores representam avanço, mas o acesso ao crédito continua sendo desafio.

Para o analista técnico da Faeg, Lucas Lopes, houve avanços importantes, principalmente na redução das taxas de juros e no fortalecimento de algumas políticas públicas, mas o desafio permanece na capacidade de transformar esses recursos em crédito efetivamente contratado pelos agricultores. "O aumento dos recursos e a redução das taxas são medidas positivas. No entanto, historicamente, muitos agricultores familiares enfrentam dificuldades que vão além do custo do financiamento, como regularização fundiária, exigências de garantias, assistência técnica insuficiente e dificuldades na elaboração de projetos", avalia.

Embora o Governo tenha anunciado crescimento aproximado de 9% no orçamento do Pronaf, o volume permaneceu abaixo da proposta apresentada pelo setor produtivo, que defendia R\$ 104,9 bilhões. Além da ampliação dos recursos, o Plano Safra trouxe redução entre 0,5 e 1 ponto percentual em diversas linhas de financiamento. A política de crédito priorizou atividades ligadas à produção de alimentos, agroecologia e investimentos estruturantes de menor porte. "É uma estratégia que fortalece a segu-



## Investimentos no Plano Safra

Comparativo entre os planos 2025/2026 e 2026/2027

| Indicador                                                                                      | Plano Safra 2025/2026<br>(R\$ bilhões) | Plano Safra 2026/2027<br>(R\$ bilhões) |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|----------------------------------------|
|  PCA        | R\$ 4,5 bilhões                        | R\$ 3,4 bilhões                        |
|  Moderfrota | R\$ 9,5 bilhões                        | R\$ 3,7 bilhões                        |
|  Inovagro   | R\$ 6,8 bilhões                        | R\$ 4,2 bilhões                        |
|  RenovAgro  | R\$ 5,8 bilhões                        | R\$ 4,2 bilhões                        |

Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa)



Analista técnico da Faeg, Lucas Lopes diz que a redução das taxas de juros e o aumento dos recursos são avanços, mas o acesso efetivo ao crédito ainda depende da superação de entraves

André Costa



## Principais alterações nas taxas do Pronaf

Comparativo entre os planos 2025/2026 e 2026/2027

| Linha de crédito              | 2025/2026 | 2026/2027 |
|-------------------------------|-----------|-----------|
| Custeio de alimentos básicos  | 3,0%      | 2,0%      |
| Demais produtos               | 6,5%      | 5,5%      |
| Agroecologia e orgânicos      | 2,0%      | 1,0%      |
| Soja e bovinocultura de corte | 8,0%      | 7,5%      |
| Máquinas de pequeno porte     | 2,5%      | 1,5%      |
| Tratores e colheitadeiras     | 5,0%      | 5,0%      |

Fonte: Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa)



Presidente em exercício da Faeg, Eduardo Veras ressalta que o momento exige políticas públicas mais robustas, com fortalecimento do crédito e da gestão de riscos para dar segurança ao produtor rural diante dos desafios do setor

André Costa

rança alimentar e incentiva sistemas produtivos mais sustentáveis. Porém, atividades importantes para a renda da agricultura familiar, como a soja e a bovinocultura de corte, continuam com as maiores taxas do Pronaf, o que pode limitar investimentos em tecnologia e competitividade."

Outro ponto analisado foi a manutenção da taxa de 5% para tratores e colheitadeiras, que pode restringir a renovação da frota de máquinas das pequenas propriedades. "O desafio da agricultura familiar não está apenas na redução dos juros; é necessário ampliar o acesso ao crédito, fortalecer a assistência técnica e simplificar os processos para contratação dos financiamentos", analisa Lucas Lopes.

Para ele, o sucesso do Plano Safra dependerá não apenas dos recursos anunciados, mas da capacidade de ampliar o acesso ao financiamento. "O crédito rural é um instrumento de desenvolvimento e, para que ele cumpra esse papel, é necessário reduzir barreiras de acesso, fortalecer a assistência técnica e criar condições para que os agricultores familiares consigam investir, aumentar a produtividade e gerar renda de forma sustentável", analisa o especialista.

Para o presidente em exercício da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Eduardo Veras, o Plano Safra continua sendo um dos principais instrumentos de sustentação da agropecuária brasileira, mas o momento vivido pelo setor exige políticas públicas ainda mais robustas para garantir segurança ao produtor rural. Segundo ele, o cenário atual combina custos elevados de produção, restrição ao crédito, maior exposição aos riscos climáticos e redução

da rentabilidade, fatores que tornam indispensável o fortalecimento dos mecanismos de financiamento e de gestão de riscos.

"O produtor rural brasileiro continua fazendo sua parte, investindo, produzindo e garantindo alimentos para o Brasil e para o mundo. Mas, para manter essa capacidade produtiva, é fundamental que o crédito rural seja compatível com a realidade do campo. O Plano Safra precisa oferecer recursos suficientes, juros competitivos e instrumentos capazes de dar segurança ao produtor diante dos riscos climáticos e das oscilações de mercado", pontua Eduardo Veras.

O presidente ressalta ainda que a redução dos recursos equalizados e dos programas de investimento preocupa o setor justamente em um momento em que o produtor necessita ampliar investimentos em tecnologia, armazenagem, mecanização e sustentabilidade. "A agropecuária brasileira enfrenta um cenário de custos elevados, desafios climáticos cada vez maiores e dificuldade de acesso ao crédito. Reduzir recursos em pro-

gramas estratégicos e não definir os recursos para o seguro rural aumenta a preocupação do setor. Precisamos fortalecer políticas que assegurem competitividade, geração de renda e segurança alimentar, permitindo que o produtor continue investindo e produzindo com previsibilidade."

Goiás, como um dos principais estados produtores do país, deverá enfrentar uma redução significativa na produção de grãos nesta safra, reflexo principalmente dos impactos climáticos sobre a segunda safra de milho. Os números previstos para Goiás demonstram que o produtor rural está cada vez mais exposto aos riscos da atividade. Por isso, o crédito rural, o seguro agrícola e os programas de investimento precisam caminhar juntos. São instrumentos essenciais para fortalecer a produção, preservar a renda no campo e garantir que o agronegócio continue contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.



## Desafios a serem vencidos

| Ponto de atenção      | Agricultura Empresarial                              | Agricultura Familiar                                      |
|-----------------------|------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|
| Principal desafio     | Redução dos recursos equalizados e crédito mais caro | Acesso efetivo ao crédito                                 |
| Ponto positivo        | Redução parcial das taxas de juros                   | Ampliação do Pronaf e redução dos juros                   |
| Principal preocupação | Cortes em programas de investimento e seguro rural   | Barreiras estruturais para contratação do crédito         |
| Avaliação da Faeg     | Recursos precisam chegar com maior competitividade   | Crédito precisa ser mais acessível, além de juros menores |

Fonte: Faeg (Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás)

# Tecnologia ganha altitude e impulsiona uma nova era no agronegócio

Equipamentos tornam o acompanhamento das lavouras mais eficiente, reduzem desperdícios e exigem mão de obra especializada

Lucas Almeida | [lucas.souza@sistemafaeg.com.br](mailto:lucas.souza@sistemafaeg.com.br)

**D**o alto, o produtor enxerga o que antes só descobria quando o prejuízo já estava na lavoura. "O que eu fazia em sete dias, hoje o drone resolve em duas horas." A mudança de rotina relatada pelo produtor rural Alexandre Hideki resume o avanço de uma tecnologia que conquistou espaço no campo brasileiro e também ampliou a demanda por profissionais qualificados para operar equipamentos cada vez mais presentes nas propriedades.

Alexandre utiliza drones em uma área de 50 hectares em Campo Limpo de Goiás, município localizado a 18 quilômetros de Anápolis, onde cultiva abacate, entre outras culturas. O relato resume uma transformação que vem mudando a forma como muitos agricultores acompanham a própria produção. O equipamento deixou de

ser visto apenas como uma novidade tecnológica e passou a integrar a rotina de propriedades de diferentes portes, auxiliando desde o monitoramento das lavouras até aplicações localizadas, levantamentos topográficos e manejo do rebanho.

A tecnologia usada na pulverização oferece rapidez, característica que chama a atenção de quem precisa agir com eficiência para enfrentar os desafios do campo. No entanto, a utilização exige conhecimento e planejamento. À medida que os drones ganham espaço, cresce também a necessidade de operadores preparados para tomar decisões, interpretar imagens, cumprir a legislação e utilizar a tecnologia de forma segura.

Essa mudança é percebida diariamente pelo especialista em geoprocessamento e instrutor dos cursos

de drones do Senar Goiás, José Carlos Pottier Monteiro Júnior. "Os drones se tornaram uma importante ferramenta de trabalho para o produtor rural por facilitar a identificação de falhas no plantio, acessar áreas antes difíceis e, muitas vezes, até impossíveis de serem alcançadas. Além disso, possibilitam aplicações localizadas com extrema precisão", conta o instrutor.

Segundo ele, o equipamento passou a integrar uma cadeia muito maior de decisões dentro da propriedade. "Quando a aplicação acontece apenas na área que realmente precisa receber o produto, o produtor economiza água, reduz o consumo de insumos e ainda tem maior controle sobre a quantidade de resíduos nas plantas, garantindo manobras mais sustentáveis", garante José Carlos.

André Costa



Essa visão também aparece na publicação *Uso de drones agrícolas no Brasil: da pesquisa à prática*, da Embrapa. O documento mostra que o uso da tecnologia cresceu rapidamente nos últimos anos e deixou de estar restrito às pequenas propriedades. Com a redução do preço dos equipamentos, o custo de um drone representa atualmente entre 10% e 15% do valor de um pulverizador autopropelecionado. Isso facilita a renovação da frota e permite que o produtor trabalhe com equipamentos mais modernos. Há relatos de fazendas com mais de mil hectares utilizando drones como principal ferramenta de pulverização, resultado da evolução dos equipamentos e do aumento da capacidade operacional das aeronaves. Na agricultura de precisão, os drones contribuem para reduzir custos com insumos, realizar aplicações precisas e enfrentar a escassez de mão de obra especializada, fatores que impulsionam a expansão da agricultura digital.

Para quem está no campo todos os dias, a principal mudança nem sempre está na pulverização. Muitas vezes, ela começa antes, quando o produtor passa a enxergar a propriedade de outro ângulo.

Há cerca de sete anos, o agrônomo e produtor rural Achiles Costa Lessa incorporou os drones à rotina da fazenda. O objetivo inicial era acompanhar o desenvolvimento da lavoura, mas logo percebeu que o equipamento permitia identificar problemas que passavam despercebidos durante as inspeções tradicionais. "Tem seis ou sete anos que utilizo drone para monitorar os plantios, identificar deficiência nutricional e falhas de plantio. Essa tecnologia facilita muito porque

conseguimos enxergar melhor qualquer problema que esteja acontecendo na lavoura", comenta Achiles.

A partir dessa mudança de perspectiva, a tomada de decisão também ficou mais rápida. "Hoje conseguimos detectar falhas de plantio, manchas de deficiência nutricional, árvores caídas, ataques de porcos, pragas e até o surgimento de doenças antes que o problema aumente. Isso facilita muito o manejo", afirma o produtor.

Além das imagens convencionais, alguns equipamentos utilizam câmeras capazes de identificar alterações na vegetação antes mesmo que elas sejam visíveis aos olhos. "Existem drones que conseguem detectar deficiência nutricional mesmo quando ainda não aparecem manchas na lavoura. Eles identificam diferenças no padrão das plantas e geram mapas que ajudam na correção. O drone se tornou praticamente indispensável nas lavouras de grãos. Não existe o amassamento causado pelos pulverizadores tratorizados e conseguimos uma aplicação muito precisa", completa Achiles.

O especialista em drones na agricultura e técnico de campo do Senar Goiás, Ciro Alberto de Oliveira Silva, explica que essa capacidade de observar a lavoura do alto altera completamente a forma como o produtor acompanha a propriedade. "Muitas vezes, o simples fato de enxergar a área por cima já muda a forma de administrar a produção. O produtor passa a visualizar detalhes que dificilmente conseguiria identificar caminhando pela lavoura. O drone também permite criar um histórico da propriedade. É possível manter mapas sempre atualizados, acompanhar curvas de nível,

identificar problemas de drenagem, levantar áreas para conservação de solo e água e construir um banco de informações que ajuda muito nas próximas safras", conta o técnico.

A principal característica dos drones agrícolas está na possibilidade de tratar diferentes pontos da propriedade de acordo com a necessidade de cada área, fazendo com que cada hectare receba uma atenção específica. José Carlos explica que esse cuidado reduz desperdícios. "Nem toda a lavoura precisa receber o mesmo tratamento. Com o drone conseguimos atuar exatamente onde existe necessidade. Isso melhora o aproveitamento dos produtos utilizados e reduz perdas", afirma.

Essa lógica também aparece nas pesquisas reunidas pela Embrapa. O documento destaca que, quando são respeitadas as boas práticas de operação e escolhidos os parâmetros adequados para cada situação, os drones apresentam eficiência equivalente à obtida por pulverizadores terrestres em diferentes culturas. Os estudos também mostram que, em determinadas situações, a tecnologia alcançou resultados semelhantes aos equipamentos convencionais no controle de pragas e doenças, inclusive em experimentos conduzidos em soja, trigo, café e eucalipto.

#### **Diferenciais no campo**

Apesar do entusiasmo em torno da tecnologia, produtores e especialistas fazem questão de lembrar que o drone não substitui automaticamente todos os equipamentos utilizados no campo. Alexandre Hideki utiliza drones em culturas como milho, mandioca e abacate. Para ele, cada situação exige uma avaliação diferente. "No milho achei muito bom. Na mandioca também. É rápido e os produtos funcionaram muito bem, quando o assunto é o pomar de abacate, a experiência muda. O abacate é uma planta muito alta e muito fechada. Tenho a impressão de que o produto não consegue atingir todas as camadas da copa. Para inseticidas funciona bem, mas para fungicidas ainda tenho dúvidas."

Mesmo assim, ele destaca que a velocidade de operação faz diferença nos períodos de maior demanda. "O serviço que eu faria em sete dias o drone resolve em duas horas. Quan-



*Os drones estão transformando a agricultura de precisão, reduzindo custos, ampliando a eficiência das aplicações e oferecendo ao produtor uma nova visão sobre a gestão da propriedade*

Daniel Fagundes/Trilux



*Os drones agrícolas permitem aplicações mais precisas, reduzindo desperdícios e garantindo que cada área da lavoura receba o tratamento adequado às suas necessidades*

André Costa

do aperta o calendário da fazenda, ele ajuda muito. O caminho mais eficiente hoje é combinar tecnologias. Para o abacate eu não abria mão do trator, vejo o drone como um complemento importante. Para isso, cada cultura precisa ser analisada de forma diferente", relata o produtor.

Se há consenso entre pesquisadores, instrutores e produtores, ele está em um ponto específico: comprar um drone é apenas o primeiro passo. O maior entrave ainda é o desconhecimento sobre o funcionamento do equipamento e o aproveitamento de todo o potencial que a tecnologia oferece. O equipamento evoluiu, mas a mão de obra ainda precisa acompanhar esse avanço.

"O produtor sabe que funciona, mas muitas vezes não possui treinamento suficiente para utilizar o equipamento. Existe a ideia de que o drone faz tudo sozinho, e isso não acontece. O principal desafio continua sendo contar com profissionais capacitados. O equipamento entrega resultados excelentes quando está nas mãos de quem sabe interpretar as informações e escolher a melhor forma de utilizá-las", avalia o instrutor do Senar, José Carlos.

É justamente essa necessidade crescente de qualificação que começa a mudar o perfil da mão de obra no campo. Operar drones agrícolas deixou de significar apenas aprender a pilotar um equipamento. Hoje, a atividade exige conhecimentos sobre planejamento, segurança, interpretação de imagens, legislação e boas práticas de aplicação, competências cada vez mais valorizadas pelo agronegócio brasileiro.

Se os drones passaram a ocupar um espaço cada vez maior nas propriedades rurais, a formação de profissionais capacitados para operar esses equipamentos acompanha esse movimento. Para especialistas, a tecnologia só entrega todo o seu potencial quando está nas mãos de operadores preparados para interpretar imagens, planejar voos, cumprir a legislação e tomar decisões no campo.

Para exercer essa função, existem normas importantes a serem seguidas. O próprio Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) reconhece que o grande salto do mercado ocorreu após a publicação da Portaria nº 298/2021, que regulamentou a operação de drones agrícolas e trouxe segurança jurídica para fabricantes, operadores e produtores rurais. A regulamentação impulsionou o mercado voltado às atividades rurais, tanto por empresas prestadoras de serviços quanto por fabricantes nacionais.

#### **Qualificação**

Com esse avanço, também cresceu a procura por cursos de capacitação, exigência necessária para a obtenção do registro de operador junto ao Ministério da Agricultura. Foi para atender essa demanda que o Senar Goiás estruturou uma trilha de capacitação voltada à operação de drones.

O primeiro passo pode ser dado por meio do curso virtual Drones: Conceitos, Legislação e Operação, que apresenta os fundamentos da tecnologia e as principais normas para utilização dos equipamentos. Em seguida, os participantes avançam para o curso presencial de Pilotagem de Drones, no qual aprendem procedimentos de segurança, planejamento de voo,

checklists e a legislação aplicada. A formação pode ser complementada pelos cursos de Uso de Drone para Monitoramento em Áreas Agropecuárias, destinado ao mapeamento e à análise das lavouras, ou de Uso de Drones Agrícolas na Pulverização, voltado à operação de aeronaves utilizadas na aplicação de defensivos e outros insumos.

"O profissional aprende primeiro a operar o equipamento com segurança e, na etapa seguinte, escolhe uma área de atuação de acordo com o perfil da propriedade ou com as oportunidades de trabalho disponíveis. Além da prática em campo, os cursos abordam temas como legislação da aviação civil, exigências dos órgãos reguladores e procedimentos necessários para atuar de forma regular", explica o superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges.

Para ele, a qualificação profissional tornou-se um dos principais desafios para acompanhar a velocidade com que novas tecnologias chegam ao campo. "O agronegócio vive um processo permanente de modernização, e isso exige pessoas preparadas para utilizar essas ferramentas com segurança e eficiência. Ao oferecer capacitações em drones, o Senar Goiás contribui para que produtores e trabalhadores rurais estejam aptos a atender uma demanda crescente do setor, ampliando oportunidades de trabalho, geração de renda e competitividade para o agro goiano", finaliza Dirceu.



*A capacitação em drones prepara produtores e profissionais para operar a tecnologia com segurança, desde os conceitos básicos até o monitoramento de lavouras e a pulverização agrícola*

Wenderson Araújo/CNA

# Agro Sustentável: o impacto do ESG na Queijaria Santo Antônio

Projeto desenvolvido pelo grupo de Castelândia buscou fortalecer a gestão, a sustentabilidade e a valorização da produção local

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

O projeto “Agro Sustentável: o impacto do ESG na Queijaria Santo Antônio” nasceu do compromisso do Faeg Jovem Castelândia de levar conhecimento, inovação e sustentabilidade para as propriedades rurais do município. Mais do que desenvolver um projeto para uma agroindústria familiar, o grupo assumiu o desafio de estudar, compreender e aplicar os conceitos da Agenda ESG e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), buscando transformar conhecimento em ações concretas. Para isso, os integrantes se dedicaram e demonstraram que a transformação sustentável ocorre por meio da

união, do planejamento e da participação ativa da juventude do agro.

Para colocar em prática os princípios da Agenda ESG, o Faeg Jovem Castelândia escolheu a Queijaria Santo Antônio como propriedade parceira. Fundada em 2020, na Fazenda Santo Antônio, a queijaria pertence aos produtores Arcênio Júnior e Marina Queiroz, ambos integrantes do grupo. Arcênio Júnior também é presidente do Sindicato Rural de Castelândia, destacando-se pela atuação no fortalecimento do agronegócio local, enquanto Marina Queiroz representa a força da mulher no campo, participando ativamente da gestão da proprieda-

de. O empreendimento surgiu para agregar valor à produção de leite da fazenda, contando com o apoio da família, das capacitações e da assistência técnica do Senar Goiás. O nome da queijaria é uma homenagem ao filho do casal, Heitor.

Ao longo do projeto, o Faeg Jovem Castelândia implementou diversas ações alinhadas à Agenda ESG e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Na área ambiental, foram instaladas lixeiras para coleta seletiva, promovida a reutilização de óleo de cozinha para a produção de sabão ecológico e realizadas orientações técnicas sobre manejo de pastagens, conservação





*Queijaria Santo Antônio recebeu ações voltadas à sustentabilidade, com iniciativas de preservação ambiental, uso eficiente de recursos e fortalecimento das boas práticas alinhadas à Agenda ESG*

do solo e preservação de áreas de recuo hídrico. Também foram instaladas lâmpadas com sensores de presença e iniciado o planejamento para a futura implantação de energia solar na propriedade.

Nos eixos social e de governança, o grupo promoveu melhorias voltadas à saúde, segurança, inclusão e capacitação da equipe, com a doação de uma caixa de primeiros socorros, incentivo à participação feminina e realização de palestras sobre ESG. Além disso, contribuiu para a organização da propriedade por meio da criação de um Código de Ética, da implantação de um canal de sugestões e denúncias, do apoio à regularização da agroindústria, da elaboração de controles financeiros e da instalação de placas de sinalização.



*Coordenador regional do Senar Goiás, Reinaldo Teixeira, resalta que o projeto ESG na Queijaria Santo Antônio é exemplo de como sustentabilidade e inovação geram resultados positivos para o agro e para a formação dos jovens*



Os resultados evidenciam o impacto positivo da iniciativa: foram contemplados 12 ODS, implementadas 25 ações ESG, envolvendo toda a equipe da propriedade e consolidando cinco parcerias institucionais. O projeto também fortaleceu a valorização da produção local ao divulgar o queijo de coalho em uma feira que impactou mais de 500 pessoas. Como principal aprendizado, o grupo compreendeu que a implementação da Agenda ESG é um processo gradual, que exige planejamento, diálogo e construção de confiança para gerar mudanças duradouras.

"A implantação da Agenda ESG na Queijaria Santo Antônio, em parceria com o Faeg Jovem Castelândia, foi fundamental para o crescimento e fortalecimento do nosso negócio. Esse processo nos ajudou a aprimorar práticas ambientais, sociais e de governança, trazendo mais organização, sustentabilidade e valorização da nossa produção. Com o apoio e as orientações do Faeg Jovem Castelândia, conseguimos transformar desafios em oportunidades, aperfeiçoar a gestão da propriedade e reforçar nosso compromisso com a comunidade, o meio ambiente e a qualidade dos nossos produtos. Hoje, temos a certeza de que investir em ESG é investir no futuro da Queijaria Santo Antônio, tornando nosso negócio mais preparado, competitivo e sustentável para as próximas gerações.", ressaltam.

"Quero parabenizar a equipe do Faeg Jovem Castelândia pela implantação, condução e desenvolvimento do projeto ESG realizado na Queijaria Santo Antônio. Com esse trabalho, vocês mostraram, na prática, que sustentabilidade e inovação caminham juntas. Não é à toa que o Faeg Jovem Castelândia ficou entre os melhores projetos do Estado! Para nós, foi muito gratificante fazer parte dessa iniciativa. Parabéns a todos, e espero que vocês continuem realizando ações que impactam de forma tão positiva o desenvolvimento do nosso município, além do crescimento pessoal e profissional de cada jovem do grupo. Vocês dão um show!", finaliza

## Por que muitos mamões apodrecem antes de amadurecer?

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br



Divulgação



Divulgação

### Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail: [revistacampogoias@gmail.com](mailto:revistacampogoias@gmail.com). Participe!

**A** Júlia Fonseca gosta muito de mamão. No entanto, ela consegue aproveitar poucos frutos que compra. Isso porque eles, ao chegarem em casa, desenvolvem manchas e começam a amolecer e a mofar.

### Dúvida | O que fazer para evitar esses problemas?

**Resposta |** Essa é uma situação bastante comum: o consumidor escolhe um mamão ainda verde, aparentemente firme e sem defeitos visíveis, mas, ao chegar em casa ou após um ou dois dias, percebe grandes manchas escuras, áreas afundadas e partes moles na casca. Em muitos casos, quando o fruto é aberto, a polpa já está comprometida.

Esse problema normalmente não acontece porque o mamão amadureceu rápido demais. Na maioria das vezes, ele é consequência de danos sofridos muito antes de chegar ao consumidor.

O mamão é uma fruta extremamente sensível. Durante a colheita, o transporte e a exposição nos supermercados, qualquer queda, pressão excessiva ou empilhamento inadequado pode provocar machucados internos. O impacto rompe células da polpa sem necessariamente deixar marcas aparentes na casca. Conforme o fruto amadurece, essas células lesionadas começam a escurecer e amolecer, dando origem às manchas características.

Outro fator importante é a umidade. Muitas pessoas têm o hábito de lavar o mamão assim que chegam em casa, mas isso não é recomendado quando o consumo não é imediato. A água pode permanecer em pequenas fissuras da casca e na região do pedúnculo (onde o fruto era preso ao pé). Se o mamão não secar completamente, a umidade favorece o desenvolvimento de fungos e bactérias e pode acelerar a deterioração de um fruto que já sofreu algum machucado durante o transporte. Por isso, o ideal é lavar o mamão apenas no momento do consumo, quando ele já estiver maduro. Caso seja necessário lavá-lo antes, ele deve ser muito bem seco e armazenado em local arejado.

Além disso, o calor e as variações bruscas de temperatura aceleram o amadurecimento e fazem com que os danos internos apareçam mais rapidamente. Pequenos ferimentos também facilitam a entrada de microrganismos responsáveis pelo apodrecimento.

Nas fotos, observa-se exatamente esse padrão: grandes áreas deprimidas, escurecidas e com aspecto encharcado, indicando que o fruto provavelmente sofreu impacto antes da compra e iniciou um processo de deterioração.

Embora não seja possível eliminar totalmente o risco, alguns cuidados reduzem bastante as chances de levar um mamão comprometido para casa: prefira frutos firmes, mesmo que estejam começando a amarelar; evite mamões com pequenas áreas amassadas, casca enrugada ou pontos escuros; observe se a casca apresenta deformações ou regiões afundadas; não lave o mamão enquanto ele ainda estiver verde; e deixe-o amadurecer em temperatura ambiente e lave-o apenas antes de consumir. Se optar por lavá-lo ao chegar em casa, seque completamente a casca antes de guardar. Transporte o mamão separado de objetos pesados e evite colocá-lo no fundo de sacolas.



Resposta enviada pelo técnico de campo do Senar Goiás, Sidarta Oliveira

# Urina de vaca na terra é fertilizante?

Revana Oliveira | [revana@sistematica.com.br](mailto:revana@sistematica.com.br)

Joana Almeida, moradora de Cezarina, fez uma pequena horta abaixo do curral, que é cimentado. Ao lavá-lo, a água com urina das vacas escorre para os pés das folhagens. Ela passou a observar que as verduras e folhagens ficaram mais viçosas. Diante disso, é mito ou verdade que a urina das vacas é benéfica para as plantas?



## Verdade!

A urina de vaca contém nutrientes importantes para o desenvolvimento das plantas, principalmente nitrogênio, além de pequenas quantidades de potássio, enxofre e outros minerais. Por isso, ela pode ser utilizada como um fertilizante natural, contribuindo para o crescimento das plantas e para a fertilidade do solo.

Muitos produtores observam que áreas onde o gado permanece por mais tempo, especialmente locais de descanso ou onde os animais passam a noite, apresentam vegetação mais verde e vigorosa. Isso acontece porque a urina e o esterco devolvem nutrientes ao solo, funcionando como uma adubação natural.

A urina fornece nutrientes de rápida absorção, especialmente nitrogênio, enquanto o esterco contribui com matéria orgânica, melhora a estrutura do solo, aumenta a retenção de água e libera nutrientes gradualmente. Por isso, os dois materiais atuam de forma complementar.

Em propriedades onde os animais ficam em currais, estábulos ou áreas cimentadas, a urina pode ser coletada por meio de canaletas ou recipientes instalados para esse fim. Após a coleta, ela pode ser armazenada em recipientes fechados

e utilizada posteriormente como fertilizante.

Para aplicação nas plantas, recomenda-se a diluição em água. Uma proporção bastante utilizada é de 1 litro de urina para 10 litros de água, aplicada diretamente ao solo, ao redor das plantas, preferencialmente no início da manhã ou no final da tarde.

E para quem cria o gado solto no pasto?

Nesse caso, a coleta da urina torna-se mais difícil. A alternativa mais prática é aproveitar o esterco recolhido em áreas de descanso, sombreiros, bebedouros ou locais onde os animais costumam permanecer por mais tempo. Como esse esterco geralmente absorve parte da urina, ele se torna uma excelente fonte de nutrientes para a produção de adubos orgânicos e biofertilizantes.

### Receita de biofertilizante com esterco bovino

Uma forma simples de aproveitar esses nutrientes é produzir um biofertilizante líquido.

#### Ingredientes

20 kg de esterco bovino fresco;

100 litros de água;

1 tambor plástico com tampa.

#### Modo de preparo

Coloque o esterco no tambor.

Adicione a água e misture bem.

Tampe o recipiente sem vedá-lo completamente, permitindo a saída dos gases produzidos durante a fermentação.

Deixe a mistura descansar por 20 a 30 dias, mexendo uma vez por semana.

#### Como aplicar

Após a fermentação, coe a mistura e dilua 1 litro do biofertilizante em 5 a 10 litros de água. Aplique diretamente no solo, próximo às raízes das plantas, hortaliças, frutíferas ou lavouras. A aplicação pode ser repetida a cada 15 ou 30 dias.



Divulgação



Resposta enviada pelo técnico de campo do Senar Goiás, Sidarta Oliveira



## Soja - 01 a 30/06/2026

### Soja encerra junho com CBOT volátil, exportações aquecidas e mercado atento ao clima nos EUA

Em junho, a soja apresentou elevada volatilidade na Bolsa de Chicago (CBOT), influenciada pelas condições climáticas nos Estados Unidos e pela expectativa dos relatórios de área e estoques do USDA. Cerca de 65% das lavouras norte-americanas foram classificadas como boas ou excelentes. A demanda por farelo e óleo de soja sustentou as cotações, enquanto o bom desenvolvimento da safra limitou altas mais expressivas.

No Brasil, a safra recorde manteve elevada a oferta de soja durante junho. Mesmo com atrasos pontuais nos portos provocados pelas chuvas, as exportações alcançaram cerca de 14,5 milhões de toneladas. No primeiro semestre, os embarques somaram 69,6 milhões de toneladas, 7% acima de 2025. A demanda externa, o dólar valorizado e os prêmios de exportação sustentaram os preços domésticos com maior firmeza comercial.

Em Goiás, a soja disponível avançou 4,0% em junho, sustentada pela demanda de exportação e pelos prêmios. Os embarques estaduais somaram cerca de 1,5 milhão de toneladas, alta de 3,6% frente a maio, mas recuo de 3,7% ante junho de 2025. No semestre, o volume exportado caiu 15,2%.

Gráfico 1 - Evolução no preço do contrato futuro de soja em junho/26.

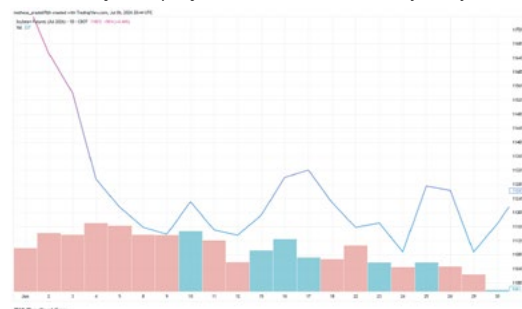


Tabela 1 - Variação dos preços médios da soja em Goiás em junho de 2026.

| Descrição       | Valor 01/06 | Valor 30/06 | Diferença |
|-----------------|-------------|-------------|-----------|
| Soja Disponível | R\$112,20   | R\$116,69   | +R\$4,49  |
| Soja Balcão     | R\$111,35   | R\$111,98   | +R\$0,63  |
| Soja Futuro     | R\$114,70   | R\$114,79   | +R\$0,09  |



Para julho, as atenções permanecem voltadas ao clima nos EUA, aos relatórios do USDA, à demanda chinesa e ao comportamento do dólar, que seguirão influenciando o mercado da soja.



## Milho - 01 a 30/06/2026

### Entrada da safrinha amplia oferta e mantém mercado brasileiro pressionado

Na Bolsa de Chicago (CBOT), o milho encerrou junho em forte queda, acumulando perdas superiores a 7% nos principais vencimentos. O mercado foi pressionado pelas boas condições das lavouras norte-americanas e pela expectativa de uma safra robusta nos EUA. Ao longo do junho, o petróleo, as exportações dos EUA trouxeram sustentação. No último pregão do mês, os preços receberam suporte do relatório trimestral de estoques do USDA, que apresentou volume inferior à expectativa.

Em junho, o mercado brasileiro de milho operou sob forte pressão baixista. O avanço da colheita da safrinha ampliou a oferta disponível, enquanto a demanda mais retraída manteve as cotações em queda na maior parte das regiões acompanhadas pelo Cepea. Com a entrada mais intensa do cereal no mercado, o espaço para recuperações mais consistentes nos preços permaneceu limitado. Em contrapartida, o dólar mais forte e o ritmo das exportações ofereceram sustentação ao mercado.

Em Goiás, a entrada gradual da safrinha trouxe pressão aos preços ao longo do mês. Ao fim de junho, a colheita avançava no estado, chegando a 5% segundo a CONAB embora as chuvas e o clima mais frio tenham reduzido o ritmo dos trabalhos.

Gráfico 1 - Evolução no preço do contrato futuro de milho em junho/26.



Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás no mês de junho de 2026.

| Descrição                   | Valor 01/06 | Valor 30/06 | Diferença |
|-----------------------------|-------------|-------------|-----------|
| Milho Balcão (Média Estado) | R\$53,64    | R\$51,00    | - R\$2,64 |
| Milho Futuro (Média Estado) | R\$51,67    | R\$49,50    | - R\$2,17 |
| Rio Verde                   | R\$53,00    | R\$49,00    | - R\$4,00 |



Para julho, as atenções permanecem voltadas ao clima nos Estados Unidos durante a fase de polinização das lavouras e aos próximos relatórios do USDA. No Brasil, o foco segue no avanço da colheita da safrinha, no ritmo das exportações e no comportamento do câmbio.



## Ajuste nas Exportações Pressiona Arroba em Junho.

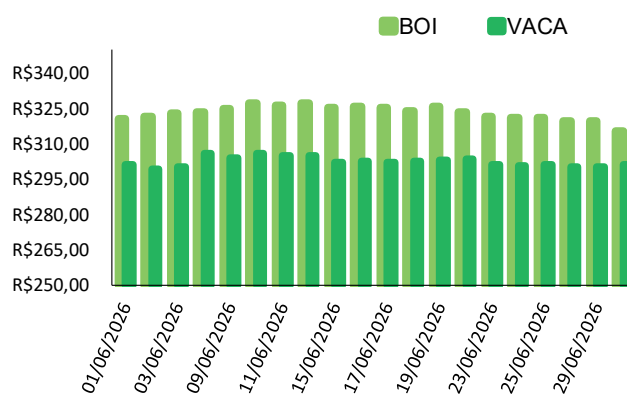
Junho manteve a tendência de acomodação observada nos meses anteriores, com o mercado do boi gordo operando de forma mais lenta e estável. Em Goiás, o boi gordo fechou o mês com média de R\$ 323,36/arroba, recuo de 1,72%, enquanto a vaca gorda encerrou o período em R\$ 302,62/arroba, queda de 0,27%.

Mesmo com a oferta de animais terminados ainda enxuta, os frigoríficos reduziram o ritmo de abate e direcionaram mais carne ao mercado interno, reflexo da retração pontual da demanda chinesa e do esgotamento da cota de importação. Ainda assim, o impacto sobre os preços no atacado foi menor do que o esperado, indicando absorção gradual desse volume. No mercado físico paulista, o indicador DATAGRO SP fechou em R\$ 347,59/arroba, queda de 3,60%.

As exportações seguiram sustentando as cotações. Segundo a SECEX, o Brasil embarcou cerca de 279,6 mil toneladas de carne bovina in natura em junho, alta de 16% frente ao mesmo período do ano passado, com preço médio recebido 20% maior — reforçando a competitividade da proteína brasileira no exterior.

Para julho, o cenário segue dividido: a desaceleração das exportações à China e a maior ociosidade da indústria mantêm os pecuaristas cautelosos. Por outro lado, os fundamentos seguem sólidos, as exportações podem ser redirecionadas a outros mercados, e a baixa oferta de animais terminados tende a dar suporte à arroba, evitando quedas mais acentuadas.

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R\$/@



FONTE: IFAG



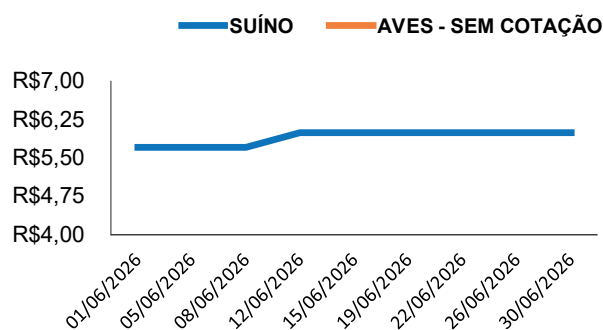
## Exportações Recordes de Frango Contrastam com Pressão na Suinocultura

No fechamento de junho, o setor avícola operou em um ambiente de acomodação, com cotações do frango oscilando entre a estabilidade e pequenas quedas, tanto no atacado quanto nas praças de frango vivo pelo país. O equilíbrio mais evidente entre a quantidade ofertada e o consumo, somado a um giro mais devagar do produto no varejo, explicou esse comportamento. A manutenção de custos sob controle e o bom ritmo das vendas externas funcionaram como um amortecedor, evitando que os preços recuassem de forma mais acentuada.

No caso dos suínos, o valor pago pelo animal vivo na porteira da indústria caiu pelo sexto mês seguido, dando continuidade à trajetória de queda que se arrasta desde janeiro. Por trás desse movimento está um descompasso estrutural: o plantel de matrizes vem se expandindo continuamente há cerca de quatro anos, ritmo que a demanda interna não conseguiu acompanhar. Como as exportações também não têm dado conta de escoar esse excedente, o resultado é a manutenção da pressão baixista sobre os preços.

Pelo lado dos custos de produção, houve alívio: o milho recuou 4,92% em junho, sendo negociado a R\$ 51,96 a saca, conforme levantamento do IFAG. Nas exportações, o cenário permaneceu favorável, os embarques de frango atingiram 452 mil toneladas, um salto de 44,6% na comparação com o mesmo mês do ano anterior, enquanto as vendas externas de suínos somaram 115,5 mil toneladas, recuo de 5,4% no período.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R\$/KG



FONTE: IFAG



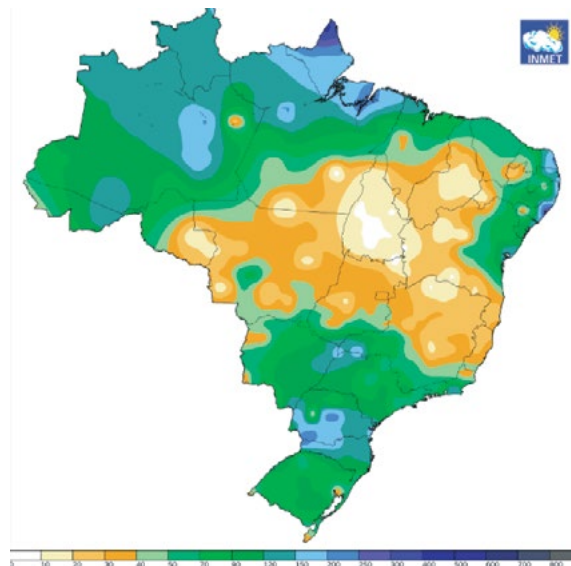
## Junho Mantém o Padrão Seco, Mas Registra Tempestades Pontuais em Goiás

Em junho, o clima em Goiás foi marcado pela consolidação das condições típicas do inverno no Brasil Central, com predomínio de massas de ar seco e sistemas de alta pressão que reduziram a umidade relativa do ar, a nebulosidade e elevaram a amplitude térmica diária, segundo o Centro de Excelência em Estudos, Monitoramento e Previsões Ambientais do Cerrado (CEMPA-Cerrado). Nos primeiros dez dias do mês, predominou o tempo estável, com manhãs mais frias, tardes quentes e baixa umidade relativa do ar. Entre os dias 11 e 15, a atuação de sistemas de instabilidade favoreceu chuvas e tempestades em algumas regiões, com volumes expressivos de forma localizada.

As precipitações ocorridas no período foram irregulares, mas contribuíram temporariamente para elevar a umidade do solo em algumas áreas. O principal evento do mês ocorreu entre os dias 14 e 15, quando tempestades acompanhadas de rajadas de vento e alta incidência de descargas atmosféricas atingiram principalmente as regiões Sul e Sudoeste de Goiás, provocando danos pontuais em lavouras de milho e cana-de-açúcar com acamamentos. Após esse episódio, o retorno do tempo seco intensificou a redução da umidade, aumentando a demanda hídrica das pastagens e reduzindo gradualmente o vigor das forrageiras.

Para julho, a tendência é de continuidade do período seco, com temperaturas acima da média e maior restrição hídrica em Goiás. O cenário exige atenção às pastagens, aos recursos hídricos utilizados na pecuária e às áreas agrícolas mais tardias, especialmente onde ainda houver culturas em fases sensíveis ao déficit de água.

Figura 1. Precipitação acumulada em junho.



FONTE: INMET



## Mercado hortifruti apresenta movimentos distintos de preços em junho

Em junho, o mercado hortifrutícola em Goiás apresentou comportamentos distintos entre os produtos acompanhados na Ceasa-GO. Na comparação com maio, as cotações variaram de acordo com as condições específicas de oferta e demanda, a sazonalidade da produção e o ritmo de entrada das mercadorias no mercado atacadista.

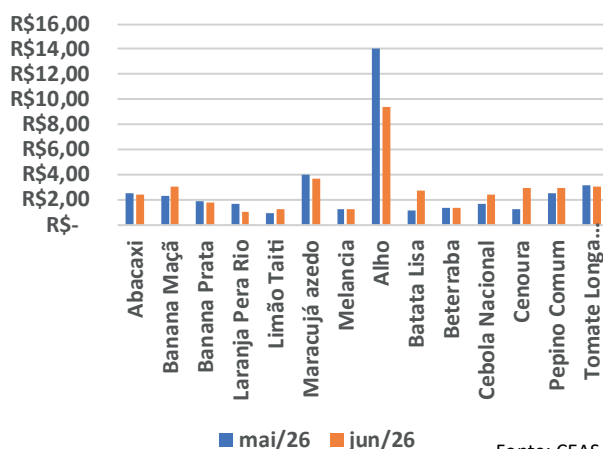
Entre os produtos que registraram valorização estão banana-maçã, limão Tahiti, batata lisa, cebola nacional, cenoura e pepino comum. A batata lisa apresentou uma das altas percentuais mais expressivas do período, enquanto cebola e cenoura também avançaram de forma relevante na comparação mensal.

Em sentido contrário, laranja-pera Rio, maracujá azedo, alho e tomate longa vida apresentaram redução nas cotações. O alho registrou o recuo mais expressivo em valores absolutos, passando de patamar próximo a R\$ 14,00 em maio para pouco mais de R\$ 9,00 em junho. Já o tomate longa vida apresentou uma redução mais moderada.

Abacaxi, banana-prata, melancia e beterraba permaneceram relativamente estáveis entre os dois meses. Os resultados demonstram que não houve um movimento uniforme no mercado hortifrutícola goiano, com altas e quedas determinadas pelas condições particulares de comercialização de cada produto.

Para julho, as atenções permanecem voltadas às condições climáticas nas regiões produtoras, ao avanço das safras de inverno e ao volume de mercadorias encaminhado à Ceasa-GO. Esses fatores deverão continuar influenciando de forma diferenciada os preços das frutas e hortaliças comercializadas no estado.

Gráfico 1 – Comparação dos preços médios entre maio e junho de 2026



Fonte: CEASA-GO;  
ELABORAÇÃO: IFAG

Estruturação e Sistematização dos Dados Econômicos do Setor Agropecuário do Estado de Goiás



Serviço Nacional de Aprendizagem Rural /AR-GO  
Tel.: 62 3412-2700  
www.senargo.org.br



Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás  
Tel.: 62 3096-2235  
www.ifag.org.br



**Moacir Amorim da Silva**

**Guapó, 2024**

### Ingredientes

- ✓ 900 g de doce de leite em barra
- ✓ 1 L de cachaça branca 40%
- ✓ 2 unidades de pau de canela
- ✓ 2 colheres de sopa de essência de baunilha

### Modo de fazer

Pique o doce de leite em pedaços pequenos e coloque em um pote de vidro esterilizado. Adicione 1 litro de cachaça artesanal de alambique, a canela e 2 colheres de sopa de essência de baunilha. Tampe bem e deixe 1 semana em ambiente natural. Após passar a semana, retire a canela e bata o restante no liquidificador. Coe e leve novamente ao vidro higienizado e esterilizado. Aguarde por mais 3 semanas, abrindo uma vez por semana para retirar a camada de gordura que se forma por cima. Após 4 semanas, coe novamente e engarrafe para servir.

**Rendimento:** 1,7l

**Tempo de preparo:** 4 semanas



“ Em 2014, por questões de trabalho, estava morando em Minas Gerais. Em uma das atividades semanais, que era visitar comunidades rurais, conheci um pomar nativo de jaboticaba, onde colhi vários frutos e levei para casa. Fiz licor com essas frutas e ficou ótimo! Então fiz vários outros sabores: de uva, morango, jenipapo... Ao voltar para Guapó, em 2016, continuei fazendo, até que me sugeriram comercializar. Tive a ideia de fazer um licor único e exclusivo com ingredientes do lugar que vivo! O meu pai produz um doce de leite muito saboroso e com ingredientes naturais, então decidi elaborar a receita de licor cremoso de doce de leite, e teve seu lançamento oficial no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICVA), em 2020. ”



### Chá de macela: tradição do campo que acalma o corpo e conforta o estômago

**Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho**, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro "Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado". É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

**Nome científico:** *Achyrocline satureioides*



Divulgação

A planta, também chamada de marcela ou marcela-do-campo, tem presença marcante na cultura popular e ganhou fama por aliviar desconfortos digestivos e promover sensação de tranquilidade. De nome científico *Achyrocline satureioides*, a macela é rica em compostos naturais como quercetina, luteolina, limoneno e ácidos fenólicos, substâncias associadas a propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias, analgésicas e antiespasmódicas. Por isso, o chá é frequentemente utilizado como apoio natural em casos de má digestão, queimação, gases, cólicas e dores no estômago.

Além do uso digestivo, a bebida também é valorizada por seu efeito calmante. Muitas pessoas recorrem ao chá de macela para ajudar a reduzir a ansiedade, aliviar o estresse e melhorar a qualidade do sono, especialmente após dias intensos de trabalho no campo.

É atribuído principalmente aos flavonoides e aos óleos essenciais presentes nas flores. Esses compostos ajudam a diminuir a formação de gases, favorecem a digestão e contribuem para o relaxamento da musculatura do trato gastrointestinal, reduzindo espasmos e desconfortos abdominais.

Em situações de gastrite ou irritação estomacal, o chá é tradicionalmente usado para aliviar a sensação de peso e a dor no estômago, embora pessoas com sintomas persistentes devam buscar avaliação médica.

A sabedoria popular também associa a macela a outros benefícios, como o alívio de cólicas intestinais e menstruais, redução da ansiedade e da irritabilidade,

auxílio no relaxamento antes de dormir, ação antioxidante que ajuda a proteger as células contra os radicais livres, oferecendo apoio ao equilíbrio do colesterol, quando associado a hábitos saudáveis.

Embora muitos desses efeitos sejam estudados pela ciência, o uso do chá deve ser visto como complemento ao cuidado com a saúde, e não como substituto de tratamentos médicos.

A macela floresce próximo ao período da Semana Santa, o que originou a tradição de colher a planta antes do amanhecer da Sexta-Feira Santa em diversas regiões do Sul do Brasil. Apesar de ser conhecida como "marcela-do-campo", a espécie também pode ser encontrada em áreas de cerrado e pastagens. O aroma característico da planta permanece por muito tempo nas flores secas, motivo pelo qual elas também são usadas em sachês e arranjos artesanais.

Em muitas comunidades rurais, o chá de macela é considerado um dos remédios caseiros mais tradicionais para dores de barriga e noites mal dormidas.

### Chá de Macela

#### Ingredientes

1 colher de chá (0,5 a 1,5 g) de flores secas de macela;  
1 xícara (chá) de água.

#### Modo de preparo

Ferva a água, desligue o fogo e adicione as flores secas de macela. Tampe o recipiente e deixe em infusão por cerca de 5 minutos. Depois, é só coar e consumir o chá. A recomendação é de até três xícaras por dia.



**Atenção:** O chá de macela (ou marcela) é contraindicado para gestantes e lactantes, pois pode apresentar riscos ao desenvolvimento do bebê. Pessoas com hipoglicemia ou alergia a plantas da família Asteraceae (como camomila e girassol) também devem evitar. Seu uso excessivo pode causar efeitos colaterais, como diarreia e vertigem.



**Seminário Regional**

# **GESTÃO DA PROPRIEDADE RURAL E IMPOSTO TERRITORIAL RURAL - ITR**

**Catalão**

01/09/2026 - 8h às 17h

**Morrinhos**

02/09/2026 - 8h às 17h

**Itumbiara**

03/09/2026 - 8h às 17h

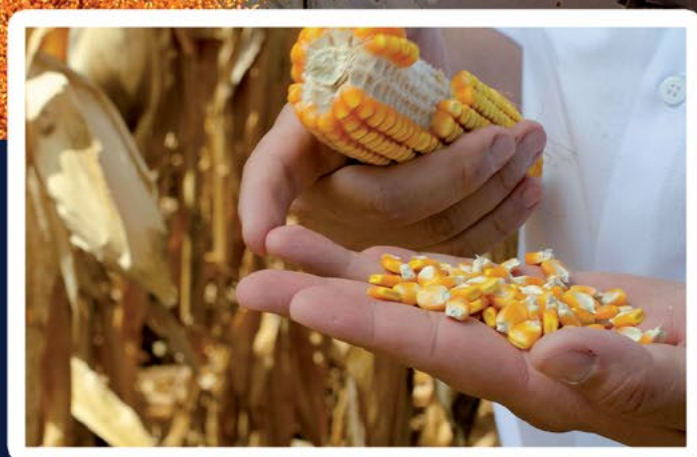
# MILHÃO AGRONEGÓCIOS:

A parceria em produtividade e rentabilidade para o produtor rural.

Híbridos de Milho Convencional Milhão:  
Alto teto produtivo e robustez.

## M3310 e M3320: alto teto produtivo para a sua próxima safra.

- ✓ **Parceria completa:** Atuação no Milho Verão e Segunda Safra.
- ✓ **Valorização real:** Pagamento de prêmio pelo milho convencional.
- ✓ **Armazenagem sem custos adicionais até 31/12 do ano vigente.**
- ✓ Flexibilidade de travamento de preços futuros.
- ✓ Barter de insumos (sementes, fertilizantes e defensivos).



**Escaneie e fale com  
nosso time comercial**

